



FACULDADE DE DESPORTO
UNIVERSIDADE DO PORTO

Perceções de Ex-Jogadores relativamente à condição de Treinador de Elite

Dissertação apresentada com vista à obtenção do grau
de Mestre em Treino de Alto Rendimento Desportivo
ao abrigo do Decreto-lei nº74/2006 de 24 de Março

Orientador: Professor Doutor Daniel Barreira

José Diogo Oliveira Miranda

Porto, 2017

Ficha de catalogação

Miranda, J. (2017). Perceções de Ex-jogadores relativamente à condição de Treinador de Elite. *Porto: J. Miranda. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.*

Palavras-chave: FUTEBOL, TREINADOR, JOGADOR, DESENVOLVIMENTO DA CARREIRA, EXPERIÊNCIA.

“Para ser grande, sê inteiro: nada

Teu exagera ou exclui.

Sê todo em cada coisa. Põe quanto és

No mínimo que fazes.

Assim em cada lago a lua toda

Brilha, porque alta vive”

Ricardo Reis, in "Odes"

Heterónimo de Fernando Pessoa

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Daniel Barreira por continuar presente no meu processo de formação académico e, pela amizade, competência e orientação.

Um agradecimento à FADEUP e seu corpo Docente pelos ensinamentos humanos e científicos transmitidos.

Aos Senhores Treinadores entrevistados, pela simplicidade e pela atenção com que me receberam e colaboraram.

Aos meus Pais, José Miranda e Raquel Oliveira, pelo apoio em tudo o que podem.

Às minhas Avós e Tia Fatinha por cuidarem, permitirem e ajudarem durante todo este percurso.

Aos meus amigos de 4 patas Pintas e Pretty pela companhia fiel em tantas horas de trabalho.

A Todos aqueles que me são queridos e me ajudaram a ser o que sou hoje.
OBRIGADO.

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS	v
ÍNDICE GERAL	vii
ÍNDICE DE QUADROS	ix
ÍNDICE DE ANEXOS	xi
RESUMO	xiii
ABSTRACT	xv
1. INTRODUÇÃO	1
1.1 .Estrutura do Trabalho.....	4
2. REVISÃO DA LITERATURA	5
2.1.O Jogador de Futebol....	5
2.2.De Jogador a Treinador - Vantagens.....	9
2.3.Competências do Treinador.....	12
2.4.Desenvolvimento e Progressão do Treinador....	13
2.5.A Experiência.....	15
2.6.O Treinador Formador....	16
3. OBJETIVOS	19
3.1.Objetivo Geral....	19
3.2.Objetivos Específicos.....	20
4. METODOLOGIA	21
4.1.Participantes	21
4.2.Procedimentos	22
4.3.Instrumento	23
4.4.Análise dos dados	25
4.5.Categorias	27
5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	29

5.1.Motivação para exercer o cargo de treinador	29
5.2.Proceso de formação/transição de jogador a treinador	30
5.2.1.O fim do jogador	30
5.2.2.Relação com colegas na nova função.....	33
5.2.3.Formação formal e informal	34
5.3.Tranferência e vantagens do jogador/treinador....	35
5.3.1.Experiência enquanto jogador	35
5.3.2.Passado e relação com a metodologia utilizada	37
5.3.3.Influências no percurso e referências	38
5.4.Conceção do jogo	40
5.4.1.Modelo de jogo	40
5.4.2.Percepções dos atletas	42
5.5.Treinador de top	44
6. CONCLUSÕES	47
7. REFERÊNCIAS.....	49
8. ANEXOS	xvii

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 1 – Critérios dos participantes	21
QUADRO 2 – Guião da entrevista semiestruturada	23
QUADRO 3 – Categorias, subcategorias e objetivos de análise	27

ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO 1 – Entrevista ao Treinador A	xvii
ANEXO 2 - Entrevista ao Treinador B	xxvi
ANEXO 3 - Entrevista ao Treinador C	xxxi
ANEXO 4 - Entrevista ao Treinador D	xxxix
ANEXO 5 - Entrevista ao Treinador E	xliv
ANEXO 6 - Entrevista ao Treinador F	lvii
ANEXO 7 - Entrevista ao Treinador G	lxi
ANEXO 8 - Entrevista ao Treinador H	lxv

RESUMO

A presente tese teve como objetivo indagar as percepções do ex-jogador e treinador de Futebol acerca de cinco dimensões de investigação: (1) Motivação para exercer o cargo de treinador; (2) Processo de formação/transição de jogador a treinador; (3) Transferência e vantagens do jogador/treinador; (4) Conceção do Jogo; (5) Treinador de top.

Para a exploração do problema que originou a presente investigação, entrevistaram-se 8 treinadores que foram jogadores de elite no passado, com posterior análise qualitativa dos dados recolhidos.

As primeiras ilações apontam para a existência da tendência para ex-jogadores seguirem a carreira de treinador fruto da paixão que sentem pelo Futebol.

Reconhecendo os cursos de treinadores como algo importante, a formação informal através da aprendizagem com outros treinadores, a observação e a experiência de trabalho assumem-se como aspetos fundamentais no desenvolvimento do treinador.

Através dos anos de prática enquanto futebolista, o treinador apresenta vantagens, contudo, não é isso que é considerado crucial pelos treinadores entrevistados. De acordo com os resultados obtidos, parece ser nas capacidades de liderança e de adaptação, nos bons conhecimentos técnicos, na boa capacidade de decisão, nos contextos favoráveis e nos valores humanos, que se define o verdadeiro treinador de elite.

Palavras-chave: FUTEBOL, TREINADOR, JOGADOR, DESENVOLVIMENTO DA CARREIRA, EXPERIÊNCIA.

ABSTRACT

This dissertation aims to understand the perceptions of the former-player and Football coach about five dimensions of research were outlined: (1) Motivation to exercise the role of coach; (2) The process regarding the transition from being a player to the position of being a coach; (3) Transfer and specific advantages of the player/coach; (4) Game Design; (5) Top-class coach.

With the objective of clarifying these issues, 8 coaches with previous experience as professional elite players interviewed, followed by a qualitative analysis of the collected data.

The first conclusions led to the identification of a tendency for former players to pursue a coaching career, as a result of their passion for the sport.

Non-formal learning through the contact with coaches and observation of coaching techniques throughout their years as players - joined by years of work experience - prove to be deeply fundamental to their own development, without forgetting the importance of the dedicated coaching courses.

Despite years of practice as a footballer, along with the associated advantages, this background is not what is generally regarded to be crucial. According to the results obtained, strong leadership, good adaptation capabilities, quality technical knowledge, remarkable decision-making, favorable contexts and exceptional human values are the aspects that define a true elite coach.

Keywords: FOOTBALL, COACH, PLAYER, DEVELOPMENT OF A CAREER, EXPERIENCE.

1. INTRODUÇÃO

“El fútbol es lo más importante entre las cosas menos importantes.”

(Valdano, s.d.)

O Futebol é um fenómeno que atrai milhões de pessoas por todo o mundo (Garganta, 1997). Atualmente, o estudo e aprofundamento de temas relacionados com o Desporto em geral, e mais especificamente com o Futebol, considerado o Desporto Rei, assumem cada vez maior importância em grande parte devido a interesses económico-financeiros, históricos, culturais, políticos, entre outros.

Segundo Perea Rodríguez (2008) existem diversas dimensões no estudo do jogo de futebol, e.g. a Fisiologia, a Psicologia, a Bioenergética, a Biomecânica, a Sociologia, a Economia. Através de uma busca com as palavras-chave “fútbol”, “football” e “soccer” na base de dados SportDiscus, Perea Rodríguez (2008) encontrou 45101 publicações desde 1880 até 2006, sendo que de década para década a percentagem de estudos tem aumentado de forma generalizada, mostrando um interesse crescente nesta área.

A função, conhecimentos e competências do treinador de futebol são assuntos cada vez mais valorizados, sendo alvo de análises muito detalhadas. De acordo com Côté, Salmela, Trudel, Baria e Russell (1995) ainda estão por identificar os principais domínios de ação e conhecimentos utilizados pelos treinadores no exercício das suas funções, de modo a ser possível aceder a uma compreensão mais objectiva das implicações e exigências de tal atividade. Mesquita (2005) concretiza referindo que ser treinador abrange uma grande diversidade de áreas e domínio de diferentes ciências, pelo que hoje, as equipas técnicas são multidisciplinares.

Aos treinadores é assim exigida uma constante e crescente capacidade de atualização e aquisição de conhecimentos. Fleurance e Cotteaux (1999) definem sete importantes áreas relacionadas com as fontes de conhecimentos dos treinadores: (i) educação formal, (ii) experiências como jogador, (iii) experiência profissional, (iv) *mentoring*, (v) interação com jogadores de alto

nível, (vi) educação contínua, e (vii) comprometimento pessoal com o *coaching*. Rinus Michels, considerado o treinador do século XX, refere que o treinador não nasce treinador, torna-se treinador, assumindo-se que a abertura para a aprendizagem é fulcral, ou seja, a formação é fundamental para todos os agentes desportivos (Couceiro, 2014).

Neste domínio, competências como o conhecimento de si mesmo, conhecimento do grupo, comunicação, inteligência emocional, metas, objetivos, capacidade de planificação, inovação, criatividade, generosidade, gestão de conflitos, força mental e motivação são características que definem um líder de elite. Gerar e gerir o treino, formar equipas fortes, orientar o potencial dos jogadores e proporcionar oportunidades para que evoluam ao máximo e mostrem o que valem, são as capacidades que se esperam de um treinador (Garganta, s.d.).

Não obstante, para se ser treinador não é suficiente ter as respetivas competências, é necessário comprová-las com a cédula de treinador correspondente e cumprir os pressupostos para a sua revalidação previstos na lei. Na educação e formação do treinador em Portugal existe uma alta diversidade dentro de cada grau devido à variabilidade e divergências entre o currículo de educação de treinador e as federações nacionais desportivas (Mesquita, 2010), o que significa que há diferentes meios e formas para se obter o estatuto de treinador. Paralelamente a esse lado formal, que os treinadores subvalorizam, surge como prioritária a experiência prática (Gilbert et al., 2006; Jones et al., 2004). Por isso, considera-se que o processo para alguém se tornar um treinador de excelência é mais influenciado pela sua interatividade, experiências contextuais de treino, observação de pares e conhecimento partilhado com outros, sem que haja nenhuns programas de preparação profissional (Jones et al., 2004; Lemyre & Trudel, 2004).

Os indivíduos são motivados para exercer a função de treinador por diferentes ambições e motivações, e tomam esse lugar por distintos caminhos e trajectos. Através de uma simples observação e análise abstratas, facilmente constatamos que muitos treinadores, e particularmente ao mais alto nível,

estiveram anteriormente ligados ao futebol enquanto atletas. Para Lyle (2002), a experiência é um parâmetro fundamental da investigação do que é ser treinador. Segundo Werthner e Trudel (2006) é essencial para os treinadores de elite o seu passado como atletas, pois dessa forma conseguem perceber o que os jogadores sentem nos treinos e na competição, para além de serem capazes de demonstrar competências técnicas aos jogadores. O sucesso do treinador está associado à experiência como adjunto e como jogador (Mielke, 2007), e Feltz et al. (2009) referem que os treinadores com histórico como jogador são os que apresentam níveis de confiança mais elevados. No entanto, segundo Araújo (1994), a função do treinador requer um conjunto de conhecimentos e experiências que ultrapassam as aquisições decorrentes de uma carreira de atleta.

É seguro que o passado influencia positivamente a interação e o relacionamento (Montiel, 1997). Assim, sabe-se que o percurso de vida de um jogador, nomeadamente a passagem por diferentes clubes, a convivência com diferentes treinadores e contextos, são fatores adicionais que não são facilmente transmitidos através de um curso mas que contribuem de forma notória para a evolução e refinamento do Homem Treinador.

Desta forma, e devido à pouca investigação aplicada ao Futebol no que diz respeito à compreensão das características dos treinadores de elite com passado enquanto jogadores e suas formas de atuação, parece-nos pertinente aproveitar o trajeto de alguns desses exemplos para refletir sobre o seu percurso e processo de formação e evolução, suas motivações, percepções, transferências, metodologias, ideias subjacentes, entre outras particularidades.

Cruzando o conhecimento empírico com o científico, mesclando a área mais teórica do treino de alto rendimento com a carreira de ex-praticantes e treinadores, esperamos acrescentar algo mais ao apaixonante estudo e entendimento do jogo e do treino de futebol. Para Garganta (2013), o maior desafio para os observadores e investigadores de futebol passa por descortinar o modo como as equipas geram e gerem os seus comportamentos. Wang e Straub (2012) referem ainda que o treino se deve basear cada vez mais no

conhecimento e entendimento das práticas dos treinadores de sucesso e na consequente criação de um modelo que possa ser utilizado na formação de treinadores.

1.1 Estrutura do Trabalho

A presente tese encontra-se elaborada de acordo com as normas e orientações da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto para a redação e apresentação de dissertações e relatórios (FADEUP, 2009).

O estudo está organizado em sete capítulos:

I - Introdução, na qual se realiza uma descrição resumida do estado do conhecimento atual na área científica em estudo, sendo o tema e sua pertinência delimitados;

II – Revisão da literatura, apresentando uma abordagem teórica à luz das teorias, investigações e estudos existentes;

III – Objetivos — orientadores da pesquisa — geral e específicos;

IV – Metodologia, onde estão definidas as características da investigação, identificando-se métodos, procedimentos, amostra e instrumentos utilizados para a recolha de dados;

V - Apresentação e discussão dos resultados, procurando-se confrontar e estabelecer relações com a literatura e informação disponível;

VI – Conclusão, estabelecendo as principais conclusões do estudo;

VII – Bibliografia, onde estão indexadas todas as referências bibliográficas utilizadas para a realização do estudo.

2. REVISÃO DA LITERATURA

O Futebol é um sistema de sistemas em interação (Garganta, 1997; Oliveira, 2004). Trata-se de um fenómeno complexo. Ao treinador, o líder da equipa, cabe-lhe a responsabilidade do processo de construção de uma forma de jogar, de uma identidade, estando o seu entendimento do Jogo e do Treino em constante evolução e aprimoramento. O cruzamento de passados enquanto atletas e passagem a futuros treinadores é um assunto pouco estudado e que permite mesclar experiências e observar comportamentos reais transportados para a prática no domínio do que é treinar equipas profissionais de futebol.

Neste capítulo, apresentamos um quadro teórico de referência que servirá de suporte para a análise e discussão dos dados recolhidos. O futebol é um jogo de ideias (Garganta, s.d.), e neste trabalho ter-se-á como objetivo percebê-las melhor.

2.1. *O Jogador de Futebol*

Tornar-se Jogador de Futebol é um sonho comum a milhões de crianças. No entanto, é algo que está dependente de múltiplos fatores:

- tempo de treino dedicado, aliado à experiência precoce;
- habilidade motora, entendida segundo Magill (2011) como a família de movimentos do corpo e ou dos seus membros com determinado objetivo que pela exercitação, passa a efetuar-se com elevado grau de qualidade, podendo chegar à automatização;
- talento potencial e natural, ou seja, aquele existe antes do treino, mais associado à parte genética;
- recursos materiais e financeiros como sejam número e qualidade de bolas, qualidade dos campos, qualidade das chuteiras;
- alimentação do atleta;

- treinadores competentes e acesso a treino especializado;
- oportunidades;
- data e local de nascimento.

Estes são alguns dos fatores que poderão ter uma importância decisiva no processo de formação de um atleta. Iniciação desportiva ou treino de base, especialização desportiva e máxima realização são os três estádios por onde passam os jogadores até atingirem o seu auge (Colaço, 2014) O rendimento em futebol engloba quatro dimensões fundamentais: a técnica, a tática, a física e a psicológica, sendo sobre estas que incidem as atenções no processo de evolução e afirmação do jogador.

Hoje em dia, o processo de formação de um jogador inicia-se cada vez mais cedo. Existem já escolas que trabalham com crianças desde os quatro anos de idade até atingir a idade sénior. O atleta percorre normalmente cinco escalões competitivos: Juniores E (sub 10 e sub11), Juniores D (sub 12 e sub 13), Juniores C (sub 14 e sub 15), Juniores B (sub 16 e sub 17) e Juniores A (sub 18 e sub19). Em cada escalão os objetivos e propósitos devem ser diferentes, estando isso intrinsecamente dependente do desenvolvimento físico, maturacional, emocional e mental dos jogadores.

O percurso de um jogador envolve muitas horas de prática e, inicialmente, pensava-se que o praticante necessitaria de adquirir o conhecimento sobre “o que fazer” para depois poder resolver o problema imediato de “o como fazer”, selecionando e utilizando a resposta motora mais adequada (Garganta & Pinto, 1996, p. 98). Mahlo (1969) caracterizava a ação do pensamento tático em 3 fases: (i) perceção e análise da situação, (ii) solução mental do problema, e (iii) solução motora do problema.

Contudo, na atualidade sabe-se que a resolução de problemas no Futebol pressupõe uma elevada habilidade percetivo-cognitiva, definida como a capacidade de identificar e adquirir informação do ambiente e relacioná-la com o conhecimento já existente para que possa ser selecionado e executada a

melhor resposta possível (Casanova, 2012), realçando-se assim a importância da psicologia ecológica como modelo explicativo da tomada de decisão no Jogo nesta interação decisão-contexto.

O Futebol é um jogo extremamente complexo para a tomada de decisão, não apenas pela multiplicidade de componentes em interação (bola, colegas, adversários), mas devido à sua dinâmica relacional, à sua natureza de cooperação e oposição, em que as situações de jogo estão em constante mudança. É um sistema altamente descontínuo e aleatório, em que um evento passado influencia o decorrer do jogo (Araújo, 2006). A evolução do próprio jogo fez com que o jogador tivesse cada vez menos tempo para pensar e decidir (Lobo, 2007), o que torna o papel do Treinador e do Treino um desafio constante no reino da incerteza calculada.

Durante o percurso uma elevada quantidade de jogadores desligar-se-ão do futebol. Num estudo efetuado na Associação de Futebol de Leiria, só no Caldas Sport Clube na época 2008/2009 desistiram cerca de 21% dos atletas do futebol juvenil, indicando a insatisfação com o treinador, a incompatibilidade da prática desportiva com a atividade escolar e a falta de tempo de jogo como os motivos principais (Ferreira et al., 2012). Entre os motivos do abandono desportivo, destacam os conflitos de interesses, a falta de tempo, os estudos, a falta de sucesso e de habilidades, o stresse competitivo, a falta de diversão, os treinamentos monótonos, problemas com o treinador, a pequena participação nas competições e as lesões (Bara Filho et al., 2008). No final do escalão de Juniores A, uma minoria dos jogadores permanece ligado à equipa sénior do clube em que realizou a formação. Outros prosseguirão as suas carreiras noutros contextos.

Investigadores analisaram o destino dos jogadores juniores campeões de Inglaterra nos 5 anos seguintes à transição, concluindo que apenas 17% se torna profissional: 31% compete em ligas amadoras, 27% apresenta um rendimento irregular e 24% desiste da prática do futebol, ou seja, considerando apenas a elite dos jogadores de juniores, existem mais jogadores que desistem do futebol do que aqueles que se tornam profissionais (Vilar, 2015).

A transição de Junior para Sénior é, assim, uma transição complexa e uma barreira difícil de ultrapassar. Este é um aspeto comprovado por um estudo realizado nas melhores academias de futebol da Europa considerado como um fator fundamental para a definição da carreira de um jogador (Jarosz, 2012). Salienta-se que em Portugal apenas 16 % dos jogadores conseguem chegar às ligas profissionais (Tarantini et al., 2017).

Atualmente, e fruto do crescente negócio e indústria que se assume no futebol, os empresários assumem relevância enorme e peça-chave nos trajetos dos jogadores. Do craque mais mediático, ao jogador mais desconhecido, nenhum futebolista dispensa ser representado por um agente de jogadores (Lopes, 2009). São eles que estabelecem contactos e parcerias com clubes, intermediando transferências e aquisições. Poder-se-á dizer que hoje dificilmente um atleta atingirá um elevado nível competitivo e patamar sem essa envolvência. A verdade é que o agente tem ganho uma dimensão imensurável no panorama futebolístico internacional, sendo que hoje, o empresário já é parte integrante do fenómeno como os dirigentes, os jogadores e os treinadores (Lopes, 2009).

Os atletas percorrem diferentes caminhos enquanto profissionais. Uns jogam toda uma vida no mesmo clube, outros experienciam diferentes realidades, diferentes culturas, diferentes países, diferentes sociedades, diferentes estilos de jogo, etc.. São treinados por diferentes treinadores, modos de pensar diversos e tudo isto concorre para experiências de vida extremamente ricas e certamente alvo de análises muito produtivas para a crescente aprendizagem, estudo e evolução de um fenómeno tão espetacular como é o Futebol!

2.2. *De Jogador a Treinador: que vantagens?*

É raro que a carreira de um futebolista ultrapasse a barreira dos 40 anos de idade (Rogério, 2014). O jogador de futebol português termina a carreira, em média, aos 30,9 anos de idade (Tarantini et al., 2017) podendo isso estar dependente da preparação física que possui (Rogério, 2017), da posição em campo, do número de lesões sofridas ao longo da carreira, das características genéticas, do nível competitivo, da vontade do próprio jogador, de razões emocionais e psicológicas, entre muitos outros fatores. Paralelamente, a desistência precoce do jogador profissional também tem algum relevo, assumindo Amaral (2007) que a influência dos media, lista de dispensas dos clubes, relações de clubes devedores, atraso e falta de pagamentos, ex-jogadores passando necessidades, além da falta de estrutura do futebol, são motivos que levam os jogadores a reclamarem da profissionalização. Lopes e Salgueirosa (2016) corroboram referindo que os jogadores alegam a desmotivação, os salários em atraso, a falta de estrutura dos clubes e os relacionamentos como as razões mais fortes para o abandono do profissionalismo ainda precocemente.

Um outro fator relevante é a idade de aposentação. Quando um jogador se retira é por volta da mesma idade que noutras carreiras profissionais, como a médica ou a académica, em que se atinge o auge. Quando estes últimos se aposentam a idade já vai avançada contrariamente ao futebol, o que ainda torna este momento mais complicado, complexo e difícil de ultrapassar.

Neste sentido, o ex-atleta terá que arranjar uma nova ocupação, sob risco de cair num beco em que a inatividade reina, propiciando crises de identidade e inutilidade. Ian Taylor (s.d) refere que enquanto ex-jogador vê perfeitamente que existem diversas dificuldades pelas quais os jogadores passam quando terminam a carreira. Diz-se que o jogador de futebol morre duas vezes: a primeira quando pára de jogar e a outra como todos os mortais (Paulo Roberto Falcão, s.d.).

Neste contexto, e fruto da paixão pelo jogo, a carreira de treinador surge como um dos principais nichos de trabalho para os ex-atletas. Perante este cenário, José Couceiro (2014) é taxativo, “acima de tudo, gosto de futebol, gosto do jogo e gostando do jogo, evidentemente que gosto de treinar, mas, muito sinceramente, acho que quem tem idade para jogar, é o ideal, jogar é o mais divertido disto tudo”.

Nem todos desejam tornar-se treinador, até por se tratar de uma profissão de risco e muito volátil, nem todos terão aptidão e características para tal, mas muitos vão-se preparando para exercer essa função.

Esta tendência é comprovada com diferentes exemplos:

- Luisão, atual capitão do Sport Lisboa e Benfica, já prepara a carreira de treinador frequentando uma pós-graduação em Futebol (Travassos, 2016). Este jogador refere que “Sempre foi um desejo tornar-me treinador.
- Rui Bento (2011) refere que desde cedo, ainda nas camadas jovens e com o contacto que tive com excelentes treinadores, fui sempre curioso em relação aos exercícios e aos objetivos que eram procurados”..
- Marco Silva, em 2012, aporta que acredita “...que a vontade de ser treinador vai evoluindo com o passar dos anos, mas sempre tive vontade de tentar perceber o porquê de fazer, o estar do outro lado, não me limitar a fazer. E a partir de determinada idade, isso foi ganhando forma. Tirei o meu 1º curso de treinador com 25 anos, depois tirei o 2º nível. Ou seja, foi sempre algo que eu também fui fomentando para estar minimamente preparado caso a oportunidade surgisse”.
- “Quando comecei a treinar era muito novo. Acabei cedo a carreira de jogador quando ainda tinha mais um ano de contrato com o Estrela, mas a verdade é que já não me sentia minimamente motivado para continuar a jogar. Tinha sido afectado por uma série de lesões, pelo que já vinha a pensar e preparar em ser treinador há algum tempo” (Paulo Fonseca, 2013).

Segundo Damásio (1994:112) “o conhecimento factual necessário para o raciocínio e para a tomada de decisões chega à mente sob a forma de imagens”. Ora esta será uma vantagem dos ex-jogadores: “Ter sido jogador profissional de futebol foi fundamental. Adquiri ensinamentos a vários níveis, entre os quais do treino, a capacidade de liderança, porque fui capitão durante muitos anos... A experiência de jogador profissional ajudou-me muito na relação do dia-a-dia com os jogadores, principalmente a compreender e a lidar com situações adversas que subitamente aparecem” (José Mota, 2009).

Com a vivência da prática de perto, o conhecimento empírico estará bem vincado, reflectindo-se nos comportamentos enquanto treinador: “A minha experiência como jogador foi fundamental para definir as linhas orientadoras da minha postura enquanto treinador. Tive o privilégio de conciliar a formação prática enquanto jogador e a formação académica através da licenciatura em Educação Física e Desporto. É desta simbiose que surge a grande maioria das minhas ações enquanto técnico. No entanto, sinto que aquilo que vivi e senti enquanto jogador influencia a minha estratégia de atuação” (Rui Vitória, 2010).

Essa característica não será selo de garantia ou fator preponderante para o sucesso, mas trará consigo benefícios e vantagens relevantes: “Acho que todas as vivências como jogador foram mais-valias para ser um treinador mais forte. Não me parece fundamental que um treinador tenha que ter sido jogador, mas julgo que um treinador que tenha sido jogador tem vantagens, especialmente ao nível das relações que mantém com os atletas, ao nível das vivências de balneário e ao nível de inúmeras situações que se passam no dia-a-dia de um jogador, que podem afetar o seu rendimento, e que nós, devido à experiência, sabemos lidar melhor com elas” (Jorge Costa, 2009).

Desde divisões mais baixas até à elite do futebol europeu, deparamo-nos com uma percentagem grande de treinadores que foram jogadores. Este facto terá uma razão, que passará pela aquisição de conhecimentos durante a carreira de jogador. São exemplos do que referimos treinadores como Carlo Ancelotti, Zinedine Zidane, Antonio Conte, Pep Guardiola, entre muitos outros.

2.3. Competências do Treinador

O treino não é recente (Bompa, 1999), tão pouco a importância do papel do treinador. Segundo Barhanti (1997), já na Antiguidade Egípcia e Grega era possível descortinar alguns princípios do treino. Frade (2001) afirma que o futebol não é um fenómeno natural, trata-se de um fenómeno construído através do processo de treino, e daqui sobressai a figura do Treinador.

No dicionário online de língua portuguesa (Priberam) entende-se o treinador como “aquele que treina”. Ora, no significado do verbo treinar surge “dar treino a; acostumar-se; adestrar-se; exercitar-se”. Entendemos, portanto, partindo destas definições, que o treinador é alguém que supervisiona, orienta e seleciona todo o processo de treino de “campo”. A ele cabe-lhe a filosofia de treino, um conjunto de princípios que servirão de guia da prática. Embora estes significados traduzam de uma forma demasiado abstracta e redutora o exercício do que é ser treinador, transmitem-nos de imediato a ideia de que o treinador deverá ter formação numa área específica: a prescrição do exercício.

Segundo Mesquita (2005), para o treinador ser competente no domínio da sua atividade, deve antes de tudo possuir um conjunto de capacidades a nível conceptual, que dizem respeito a conhecimentos específicos da modalidade, a técnica, a tática, e das ciências do desporto, a fisiologia, a biologia, a psicologia, a sociologia, a nível comunicativo, sabendo criar clima e envolvimento com os atletas sendo um líder, e ao nível técnico, organizando e conduzindo o processo de treino. Neste sentido, Garganta (2000) defende que a deteção e a correcção dos erros são dois pontos fundamentais na tarefa do treinador. Assim, ser treinador significa ser agente de transformação (Oliveira, 2009).

Graça (1997) afirma que os conhecimentos do treinador são fundamentais para a construção, desenvolvimento e direccionamento dos conhecimentos dos jogadores e, consequentemente, da qualidade da prestação dos mesmos e da equipa no referido projeto colectivo do jogo e na criação e operacionalização do respetivo processo de treino. Como refere Duarte (2004), a ação do treinador

influencia a satisfação do atleta e, por conseguinte, o seu desempenho. Na realidade, o valor de um treinador pode ser avaliado pela sua capacidade de afetar, positivamente, o destino dos seus jogadores. Visão alargada, liderança, modelo e conceção de jogo, metodologia de treino, gestão emocional e relação com outros significativos são as competências base da tarefa do treinador segundo Garganta (2014). Paradoxalmente, o melhor treinador é aquele que se vai tornando cada vez menos necessário. E ainda, apesar da importância crucial do treinador, nunca podemos descurar que “um treinador é tanto melhor quanto o valor dos atletas que compõem a sua equipa”, citando o conceituado ex-treinador da NBA Phil Jackson.

2.4. *Desenvolvimento e Progressão do Treinador*

Ser treinador de futebol tem vindo a tornar-se uma atividade cada vez mais trabalhosa, exigente, complexa e multifacetada, o que consequentemente implica uma melhoria na formação dos intervenientes. Do ponto de vista legal, e definido no Decreto-lei nº. 248-A/2008, de 31 de Dezembro e completado pelo Despacho nº. 5061/2010, de 22 de Março, para se ser Treinador é necessária a obtenção e emissão da cédula de treinador.

Seguindo outras propostas realizadas no âmbito europeu, o Programa Nacional de Formação de Treinadores considera também a existência de 4 Graus de Formação com responsabilidades e competências próprias, inerentes à tipologia da população em que os treinadores intervêm:

- Grau I UEFA C: Treinador das etapas elementares de formação desportiva sob supervisão; Treinador adjunto de treinadores com qualificação igual ou superior em todas as etapas de formação desportiva;
- Grau II UEFA B: Treinador de todas as etapas da carreira desportiva; Coordenador da actividade de Treinadores do mesmo grau ou inferior;

Treinador adjunto de treinadores com qualificação igual ou superior em todas as etapas de formação desportiva, incluindo o mais alto nível da modalidade;

- Grau III UEFA Advanced + UEFA Elite Jovem: Treinador de praticantes do mais alto nível da modalidade, ou de qualquer outro nível de prática e em qualquer etapa de formação; Coordenador da actividade de Treinadores do mesmo grau ou inferior; Treinador adjunto de treinadores com qualificação igual ou superior; e
- Grau IV UEFA Pro: Treinador de praticantes do mais alto nível da modalidade, ou de qualquer outro nível de prática e em qualquer etapa de formação; Coordenador da actividade de treinadores do mesmo grau ou inferior e coordenador de equipas técnicas pluridisciplinares enquanto director técnico de clube, associação ou federação; Coordenador técnico de selecções regionais e nacionais; Coordenador de programas de formação em exercício de treinadores desportivos.

Estes são os patamares considerados e que promovem um desenvolvimento progressivo e cumulativo de competências.

A obtenção da cédula pode ser conseguida por quatro diferentes vias:

- (i) cursos de formação de treinadores, nas associações dos diferentes distritos ou num grau superior ao nível da Federação Portuguesa de Futebol;
- (ii) formação académica,
- (iii) reconhecimento da experiência profissional; e
- (iv) reconhecimento de formação realizada no estrangeiro.

Componente geral, componente específica e estágio são os três pilares fundamentais e necessários à aquisição de cada grau segundo o Plano Nacional de Formação de Treinadores. A cédula terá uma validade de cerca de cinco anos, o que exige a existência e participação por parte dos treinadores em ações de formação para efeitos de renovação da mesma. Paralelamente a estes aspetos, parece importante referir que no processo de desenvolvimento e

crescimento do treinador a reflexão e o *coaching* assumem-se como ferramentas chave no exercício e melhoramento da função de Treinador.

Não é suficiente preparar-se os treinadores tecnicamente (Araújo, 2010), e segundo Mesquita (2005) o treino é um processo complexo, carregado de diferentes elementos em interação constante e dinâmica, reclamando assim uma análise e estudo profundos resultando da convergência de diversas áreas. Para realçar esta ideia, um dos históricos treinadores da NBA — John Wooden — referiu “...O conhecimento, por si só, não dá resultados...se souberes ensinar e motivar, então podes ser um líder...” (Billick & Peterson, 2001:129). Corroboramos assim Paulo Coelho (s.d.) que refere que “A sabedoria tem de ter uma aplicação prática... se não apodrece como uma espada que não é utilizada”.

2.5. A Experiência

A experiência dos treinadores como atletas é importante sendo a experiência que nos vai tornando aptos (Oliveira, 2014), pois aporta um conhecimento obtido através da prática, que é intransmissível. No campo mais filosófico, afigura-se como todo o conhecimento adquirido através da utilização dos sentidos. A experiência do treinador configura-se, segundo Gilbert e Trudel (2001), como uma das fontes mais profícuas de conhecimento do treinador e é considerada por vários autores como um dos preditores com influência na perceção de eficácia dos treinadores, quer de jovens, quer de elite (Feltz et al., 1999; Gilbert & Rangeon, 2011; Gilbert & Trudel, 2001; Jones et al., 2003).

O papel que os treinadores cumprem é baseado na sua experiência, conhecimento, valores, opiniões e crenças, mas o modo como os treinadores encaram e agem com o seu papel e a sua filosofia, ainda não está completamente clarificada (Nash, Sproule & Horton, 2008). A prática dos treinadores tem tendência para ser constituída pelos seus próprios princípios e

valores, os quais são atributos pensados para cumprir com a sua respectiva filosofia de *coaching*, fruto da experiência adquirida (Fleurence & Cotteaux, 1999; Erickson et al., 2008; Cassidy et al., 2009; Mesquita et al., 2010).

O Homem com o seu passado e trajeto riquíssimo, fruto de diferentes realidades, pessoas, aprendizagens, erros, sucessos, fracassos enquanto jogador, fomentando naturalmente, o seu pensamento centrado no “eu”, vê-se envolvido de uma forma mais coletiva no momento em que se torna treinador. Esse histórico não será garante de qualidade ou vitórias mas trará consigo um conjunto de soluções, que não vêm decifradas ou esclarecidas em qualquer livro.

Mesquita (1998) afirma que não basta treinar muito, é preciso melhor, pelo que se assume que é necessário que a experiência traga de mão dada a evolução e o aprimoramento e não a sistemática repetição. Não nos esqueçamos: Somos o que fazemos, mas somos sobretudo o que fazemos para mudarmos aquilo que somos (Eduardo Galeano, s.d.).

2.6. O Treinador Formador

Os treinadores necessitam ser formadores fiéis ao sentido de “formar”: aperfeiçoar o Homem, melhorá-lo, aumentá-lo em humanidade (Bento, 2009). Através destas características, parece-nos que o treinador estará mais próximo de atingir a *expertise*.

Segundo os princípios da Teoria e Metodologia do Treino Desportivo, o treinador de elite deverá ser um líder, comunicador, tomar decisões tendo uma estratégia, deverá ser um formador incitando ao desenvolvimento e progressão dos seus atletas, e um gestor de objetivos, planeando e controlando as suas escolhas, opções e soluções. Serpa (1990) refere que o treinador é um líder com características especiais pelo carácter multifacetado da sua atividade, sendo, de acordo com Vella e colaboradores (2010), a qualidade da relação

treinador-atleta determinante para o desenvolvimento da prática desportiva. Assim, a comunicação bem conseguida é assumida como trave mestre de uma boa liderança (Billick & Peterson, 2001).

Arsène Wenger e Johan Cruyff (s.d.) referem que o verdadeiro treinador é aquele que “ama o jogo e quer partilhar com os seus jogadores uma filosofia de vida, uma forma de ver o futebol”. Para Valdano (2002), o importante nas equipas é a todo o momento 6 ou 7 jogadores identificarem e pensarem da mesma forma. Daí que como refere Natal (2013), os melhores treinadores são os que diagnosticam melhor, e ainda como frisa Colaço (2014), o treinador deve ser o primeiro a chegar. Ser treinador de “top” é saber lidar com a incerteza a todo o momento e descobrir as soluções adequadas a cada instante. Uma coisa é segura, não há receita para se ser treinador de excelência. Até porque se a receita é inimiga da reflexão, esta última será a mais aliada chave para se atingir o almejado sucesso.

3. OBJETIVOS

O modo de ser e estar de treinadores de futebol e a consequente aplicação prática de suas metodologias parecem ser influenciados por múltiplos fatores, entre os quais visão e liderança, modelo e concepção de jogo, metodologia de treino, gestão emocional da equipa e relação com outros significativos (Garganta 2014). Neste contexto, as experiências passadas, os históricos enquanto jogador ou diferentes contextos vividos, parecem ter influência. Conceição (2010) afirma que a experiência que advém da carreira enquanto jogador é muito importante, mas não fundamental, enquanto futebolistas estamos em aprendizagem constante. Torna-se assim claro, que este é mais um fator que pode influir para o refinamento e aperfeiçoamento do Homem-treinador.

O treinador é uma pessoa do terreno, mas de “todo o terreno”, incluindo o da reflexão e do estudo (Garganta, 2014). Paulo Sérgio (2009) também confessa e releva que talvez a sua experiência enquanto jogador que pisou terrenos mais adiantados tenha influência na sua concepção de jogo. Desta forma, compreender a extensão do fenómeno “Treinador-ex-jogador”, pode ajudar a melhorar os processos de treino, entender melhor o Jogo e suas envolvências e reduzir o distanciamento existente entre aquilo que é puramente mais teórico e aquilo que efetivamente é posto em prática no terreno.

3.1. *Objetivo Geral*

- O presente estudo objetiva indagar a influência das vivências do ex-jogador de Futebol nas suas práticas enquanto treinador.

3.2. *Objetivos Específicos*

- Analisar as motivações que levam o ex-jogador de Futebol a assumir a função de treinador;
- Indagar a percepção do ex-jogador de Futebol relativamente às funções do treinador;
- Identificar processos de auto-aprendizagem do treinador;
- Conhecer a influência das vivências do ex-jogador na forma como desempenham e concebem as funções do treinador de Futebol;
- Investigar as percepções dos ex-jogadores relativamente aos diferentes perfis de treinadores de elite;
- Analisar as características nucleares que definem um treinador de elite.

4. METODOLOGIA

No presente estudo utilizou-se uma metodologia qualitativa, permitindo uma compreensão profunda da experiência humana e os seus comportamentos decorrentes da prática do treino de futebol.

4.1. *Participantes*

Os treinadores foram selecionados de acordo com três critérios de carácter obrigatório:

- (1) terem sido jogadores de futebol no passado;
- (2) terem sido ou serem treinadores de futebol;
- (3) terem sido ou serem profissionais de futebol.

Pretendeu-se saber aquilo que os entrevistados pensam acerca de determinado assunto, com o intuito de esclarecer vários aspetos abordados na revisão bibliográfica.

Quadro 1 – Caracterização dos Participantes em função dos critérios de seleção.

Treinador	Nível atingido como Jogador	Nível atingido como Treinador
A	- internacional “AA” - profissional - 1ª liga	- amador - treinador principal - 2ª liga
B	- internacional “AA” - profissional - 1ª liga	- profissional - treinador principal - 1ª liga
C	- profissional - 1ª liga	- profissional - treinador principal

		- 2 ^{ab} -treinador adjunto - 1 ^a liga
D	- profissional - 1 ^a liga	- profissional -treinador principal - 1 ^a liga
E	- internacional “AA” - profissional - 1 ^a liga	- profissional - treinador principal - 2 ^a liga
F	- profissional - 2 ^a liga	- profissional - treinador principal - 2 ^a b
G	- internacional “AA” - profissional - 1 ^a liga	- profissional - treinador principal - 2 ^a liga - treinador adjunto - 1 ^a liga
H	- profissional - 1 ^a liga	- profissional - treinador principal - 2 ^a b

4.2. Procedimentos

Todos os elementos foram contactados com o intuito de explicar os objetivos e as características do estudo.

Conforme a necessidade e a especificidade do presente estudo, no que diz respeito aos objetivos e sua natureza, bem como aos participantes, foi elaborada uma entrevista semiestruturada destinada para esse efeito. Dessa forma, aplicou-se a mesma aos treinadores com base em questões guia.

Todos os elementos responderam às questões de uma entrevista presencialmente, sendo guardadas por gravador de voz, durante os meses de Março, Abril e Maio.

4.3. Instrumento

Utilizou-se uma entrevista composta por cinco dimensões fundamentais de análise.

A entrevista é considerada como o “(...) instrumento primordial (...)” (Ruquoy, 1995, p.84) da análise profunda dos fenómenos. É uma ferramenta fundamental na exploração de dimensões cujos dados são de enorme relevância e pertinência para o desenvolvimento da área do *coaching* e treino de futebol e comportamentos e gestão do treinador. O entendimento deste tema pode e deve sair beneficiado pela utilização de métodos qualitativos, pelo facto destes proporcionarem um entendimento mais profundo e completo sobre as temáticas em análise (Valles, 1999).

Apesar deste método não permitir uma generalização e comparação com os métodos quantitativos, permite um entendimento reflexivo, pormenorizado e exaustivo sobre como cada treinador pensa e concebe as suas metodologias e ideologias.

No sentido de se criar uma lógica de entendimento ao nível da entrevista, elaborou-se um guião que toca diferentes pontos relevantes (Quadro 2).

Quadro 2 – Guião da entrevista semiestruturada

Questão central de investigação	Dimensões em estudo	Questões
Analisar as percepções do ex-jogador e treinador de futebol	1. motivação para exercer o cargo de treinador	1.1. quais os motivos que o levaram a assumir a função de treinador? 1.1.1. o gosto pela modalidade? dinheiro? tornar-se melhor treinador do que aquilo que foi enquanto jogador? desenvolver o jogador?

2. processo de
formação/transição
de jogador a treinador

2.1. quando se estava a sentir com menos capacidades para jogar já perspectivava a carreira de treinador, ou muito antes, ou só muito depois pensou nisso?

2.2. e nessa mesma altura sentiu que algum treinador pressentiu o seu lugar em perigo pela sua presença e veterania?

2.3. depois de passar a treinador certamente treinou alguns ex-colegas enquanto jogador. como lidou com isso?

2.4. sentiu que o seu passado enquanto atleta era suficiente para ser bom treinador?

2.4.1. onde procurou formar-se e ir formando-se a fim de ser melhor treinador?

3. transferência e vantagens
do jogador/treinador

3.1. qual a transferência e vantagens que o treinador faz e tem fruto do seu passado enquanto jogador?

3.1.1. esse passado foi peça-chave na metodologia que utiliza ou utilizou?

3.2. há algum seu ex-treinador que o tenha marcado e influenciado de forma particular?

3.2.1. tenta ou tentou copiá-lo?

4. concepção do jogo

4.1. o “modelo de jogo”/estrutura de jogo preferidos enquanto jogador é o mesmo enquanto treinador?

4.2. pela posição que ocupava em campo quando jogava, dá

	<p>mais atenção aos seus atletas que atuam nas mesmas zonas do campo?</p> <p>4.2.1. acha que estes saem mais valorizados que os restantes com o seu trabalho?</p> <p>4.3. pensa que os jogadores têm uma perceção diferente perante um líder que foi ex-praticante, ainda mais se for conceituado?</p> <p>4.3.1. como sentiu isso? sentem-se mais motivados? há mais “respeito”?</p>
5. treinador de “top”	<p>5.1. qual considera ser a característica que define ou marca a diferença num treinador de elite?</p> <p>5.1.1. porquê?</p>

4.4. *Análise de dados*

Para a análise das entrevistas recorreu-se à análise de conteúdo que Bardin (2004, p.33) diz “aparecer como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utilizam procedimentos sistemáticos e objetivos da descrição do conteúdo das mensagens”.

Inicialmente foi efetuada uma leitura de todas as entrevistas com o intuito de ficar com uma ideia global de todas as respostas, seguindo-se um estudo detalhado das mesmas.

O passo seguinte foi a criação de um conjunto de categorias que, segundo Bardin (2004, p.111), “é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente por

reagrupamento segundo o género, com os critérios previamente definidos”, sendo que “as categorias são rubricas ou classes que reúnem um grupo de elementos (unidades de registo, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos”.

O critério de categorização pode ser semântico, ou seja, são criadas categorias temáticas em que os temas com um determinado significado ficam agrupados sob um título conceptual (Bardin, 2004).

Os dados foram tratados individualmente com o objetivo de se retirar significados explícitos do conteúdo das respostas, permitindo-nos uma dedução e interpretação qualitativa e lógica de conexão entre as ideias dos diferentes entrevistados.

A construção do guião da entrevista teve em conta a introdução de questões consideradas pertinentes e relevantes face à conceptualização e ao exercício do que são as ideologias do treinador com histórico enquanto ex-jogador de futebol.

A estrutura avançada no guião baseia-se fundamentalmente na importância de se cruzar um entendimento do plano conceptual e das representações mentais que os treinadores idealizam acerca do seu trabalho, para uma efetivação, concretização e especificação daquilo que realmente passa para o campo da prática. Através das vivências, experiências, conhecimento e exemplos observados foram definidas categorias para o tratamento dos dados obtidos.

Por entender todos os pontos e planos com igual importância, definiram-se as seguintes categorias:

- (i) Motivações para exercer o cargo de treinador;
- (ii) Processo de formação/transição de jogador a treinador;
- (iii) Transferências e vantagens do jogador/treinador;
- (iv) Conceção do jogo; e

(v) Treinador de elite.

4.5. Categorias

Estabeleceu-se um sistema categorial segundo cinco categorias fundamentais, e subcategorias (Quadro 3):

Quadro 3 – Categorias, subcategorias e objetivos de análise

Categorias	Subcategorias	Objetivos
c.1- motivação para exercer o cargo de treinador		entender como é que a(s) sua(s) carreira(s) o(s) conduziu(ram) a esta profissão.
c.2- processo de formação/transição de jogador a treinador	s.c.2.1- o fim do jogador s.c.2.2- relação com colegas na nova função s.c.2.3- formação formal e informal	perceber de que forma foi e se sucedeu o término da carreira de jogador, como surgiu a possibilidade de passar a treinador, reacções de ex-colegas e ainda principais fontes de formação, aprimoramento e melhoramento para o exercício do que é ser treinador.
c.3- transferência e vantagens do jogador/treinador	s.c.3.1- experiência enquanto jogador s.c.3.2- passado e sua relação com a metodologia utilizada s.c.3.3- influências no percurso e referências	compreender se existem vantagens fruto do passado enquanto jogador, quais são essas vantagens, influências, referências e repercussões no trabalho e metodologia adoptados enquanto treinador.
c.4- conceção do jogo	s.c.4.1- modelo de jogo s.c.4.2- percepções dos atletas	identificar ideologias relativamente ao “modelo de jogo”, estrutura de jogo,

	preferências, valorização dos jogadores em função da posição ocupada em campo e percepções perante um líder ex-atleta.
c.5- treinador de elite	analisar qual ou quais são consideradas as características que marcam ou definem um treinador de elite e a razão de o serem.

5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo efetuar-se-á a apresentação dos resultados e a análise das suas evidências.

O capítulo está estruturado em 5 categorias fundamentais, algumas das quais se subdividem por subcategorias de forma a facilitar a análise.

5.1. *Motivação para exercer o cargo de treinador*

Inicialmente procurou entender-se como é que os diferentes entrevistados, ex-jogadores, conduziram a sua carreira até ao cargo de treinador.

Numa primeira análise dos resultados, a motivação para exercer o cargo de treinador está intrinsecamente relacionada com a paixão e com o gosto pelo Futebol.

A este propósito, Lucho Gonzalez (2012) confirma isso mesmo: “sou um apaixonado pelo futebol, não me imagino a estar afastado disso. Sinto-me capacitado para ser treinador”.

O Treinador G (Anexo 7, pág. lxi) refere que “a maior parte dos jogadores sonha um dia vir a ser treinador e que ele próprio não fugiu à regra”. Concomitantemente, o Treinador F (Anexo 6, pág. lvii) acrescenta “essencialmente o gosto pelo jogo, a paixão pelo Futebol”. O Treinador D (Anexo 4, pág. xxxix) exacerba “é a mesma motivação do miúdo que gosta de jogar à bola e ir ver o futebol com os pais, fica-nos no sangue” enquanto que o Treinador C (Anexo 3, pág. xxxi) confirma dizendo que “esta era a minha paixão e não me via aos 34, 35 anos fora do Futebol. Nunca quis ficar desligado do Futebol”.

Posteriormente a este motivo invocado, o desenvolvimento do jogador e a sua valorização tomam particular relevância naquilo que conduz o ex-jogador a ser treinador.

O Treinador B (Anexo 2, pág. xxvi) afirma que “acima de tudo passar alguma experiência aos jogadores”. O Treinador E (Anexo 5, pág. xlv) põe ênfase no seguinte ponto: “passar a minha experiência a jogadores mais novos e que podia ser útil para eles atingirem patamares mais elevados”. Dentro do mesmo raciocínio o Treinador A (Anexo 1, pág. xvii) salienta “a minha grande motivação foi poder pôr em prática tudo aquilo que eu fui vendo como jogador atento, bem como fui aprendendo na minha formação académica”. O Treinador H (Anexo 8, pág. lxxv) assegura “tentar melhorar algumas coisas nos jogadores, também aquilo que alguns treinadores não fizeram por mim”.

Por fim, é de salientar que os entrevistados fizeram referência a dificuldades dos clubes, a parte financeira, bem como a ambição de se tornarem melhores treinadores do que aquilo que foram enquanto jogadores como motivos que os levaram a abraçar a carreira de treinador.

5.2. *Processo de formação/transição de jogador a treinador*

5.2.1. *O fim do jogador*

O final da carreira de um jogador de Futebol tem o seu lado mais fatídico, de término, aliado à entusiasmante procura de novas atividades e desafios no futuro.

Relativamente a esta fase marcante da vida da pessoa, Sérgio Conceição deixa a sua ideia sobre o momento e sobre a vontade no futuro: “deixar de jogar não é uma situação fácil. Não o é para nenhum ex-jogador. (...) queria ser treinador e, felizmente, isso confirmou-se”.

Neste contexto, o Treinador B (Anexo 2, pág. xxvi) afirma “queremos sempre prolongar o mais possível”. No mesmo sentido o Treinador E (Anexo 5, pág. lxxv) acrescenta “nós achamos que nunca vamos acabar a carreira de jogador, tentamos prolongar, não somos preparados para começar a pensar pós-

carreira do futebol”. Fica demonstrado assim quanto difícil e crítico é este momento marcante na carreira de um futebolista.

O cargo de treinador surge como uma forte possibilidade dentro do mesmo ramo de atuação.

A forma como se deu essa passagem, bem como anseios dos treinadores perante a presença de jogadores mais veteranos foi algo que tentamos perceber neste ponto de exploração.

A projeção da função de jogador a treinador é algo que está nitidamente no horizonte de alguns ex-jogadores.

O Treinador A (Anexo 1, pág. xviii) refere que “ainda como jogador de futebol pensava que eventualmente poderia vir a ser treinador” e o Treinador G (Anexo 7, pág. lxi) revela “eu ainda jogava, ainda faltava muitos anos para acabar a minha carreira como profissional de futebol mas fui tirando os cursos de treinador que apareciam”.

Na mesma linha, o Treinador C (Anexo 3, pág. xxi) confessa que já pensava tornar-se treinador enquanto jogava, “muito antes. Se há uma coisa que eu me posso orgulhar é que eu consegui planejar o meu final de carreira” e o Treinador F (Anexo 6, pág. lvii) reportava que “já muito antes, enquanto jogador tive a oportunidade e o privilégio de poder treinar formação e comecei a perceber a parte do treinador e a responsabilidade que é”.

A desconfiança sentida por parte dos treinadores com a presença de jogadores mais veteranos no plantel e a possibilidade de estes tomarem o seu lugar não é um tema consensual entre todos os entrevistados.

Neste âmbito, o Treinador C (Anexo 3, pág. xxii) é peremptório “Eu penso que o nosso lugar está sempre em perigo”. O Treinador H (Anexo 8, pág. lxxv) vai mais além referindo “o futebol é uma guerrinha em que se comem uns aos outros”.

O Treinador A (Anexo 1, pág. xxviii), reportando-se ao seu tempo de jogador expõe “estou a falar dos anos 70, os treinadores tinham algum medo dos jogadores que sobressaíam, sobretudo em termos culturais, e mostravam isso, e não só em relação a mim, mas a quaisquer outros jogadores já mais veteranos. Viam sempre o lugar em perigo, até porque os resultados como ainda hoje, menos bons e menos conseguidos, havia a chamada chicotada psicológica. Estavam sempre com medo pela insegurança e falta de formação que tinham” e o Treinador E (Anexo 5, pág. xlvii corrobora embora admitindo que na atualidade isso já não acontece, “hoje em dia não, mas nos treinadores mais antigos sim. Se eu tiver um jogador mais antigo até o quero (...) na minha altura, um jogador com a minha experiência, com a minha veteranaria e, até com o meu currículo, punha em perigo e até viam fantasmas se eu estivesse a falar com alguém”.

Por outro lado, o Treinador G (Anexo 7, pág. XLVI) não pensa que isso tenha qualquer influência, “Acho que qualquer treinador olha para os jogadores pelo seu rendimento, acho que não interessa a idade, não interessa quem é o mais velho ou o mais novo, interessa sim aquele que tem o melhor rendimento”. O Treinador D (Anexo 4, pág. XXIV) contesta com a sua própria experiência “eu até era sempre uma muleta para o treinador uma vez que assumia muitas vezes o papel de capitão de equipa e os treinadores gostavam e isso denotava a confiança que eles depositavam em mim”.

Por fim, o Treinador F (Anexo 6, pág. lvii) faz ênfase aos seus ex-treinadores e à influência a que o sujeitaram, “Sabiam que tinha o nível de treinador e foram eles também que me cativaram”.

Está claro que existem os dois lados da moeda. Por um lado existe por vezes o receio, muito embora antigamente fosse mais comum, e por outro os jogadores mais velhos são muitas vezes uma ajuda fundamental ao treinador e este assume-se como uma influência extremamente positiva na futura carreira do jogador.

5.2.2. Relação com colegas na nova função

A passagem de simples colega a treinador traz consigo alguns constrangimentos que nos importa perceber.

O Treinador E (Anexo 5, pág. xlviii) invoca que “houve jogadores que não sabiam lidar”. Ao mesmo tempo o Treinador B (Anexo 2, pág. xxvii) explana “muitas vezes os jogadores pensam que por nós termos sido ex-colegas que já têm um estatuto diferente, que nós temos de lidar de maneira diferente. Mas não, penso que não, nós temos que ser corretos e leais com todos”.

O Treinador C (Anexo 3, pág. xxxiii) refere “Inicialmente é um bocado constrangedor porque o papel de treinador é diferente do papel de jogador.” e o Treinador F (Anexo 6, pág. lviii) refere ainda “Trabalho é trabalho. Amizade é amizade. Fora do campo somos amigos, dentro do campo somos todos iguais”.

O facto de o jogador ter passado por situações de liderança parece contribuir para o bom funcionamento desta nova relação sendo que o Treinador D (Anexo 4, pág. xl) afirma “a braçadeira de capitão ao longo dos anos num grupo de trabalho tem peso e esse peso continuou quando assumi o novo papel”.

Por outro lado, é também referido que talvez esse não seja um grande problema para o treinador, mas antes lidar com os mais jovens, o Treinador H (Anexo 8, pág. lxvi) esclarece “É um bocado complicado lidar com estes novos jovens que nunca passaram por nada e acham que são mais do que o que deviam ser”.

Para terminar o Treinador G (Anexo 7, pág. lxii) afiança “como treinador costumo dizer que há uma linha que separa o jogador do treinador de futebol”.

Parece consensual que esta nova posição pode inicialmente constranger o treinador, mas o separar das águas é o melhor remédio e a atitude certa segundo os treinadores.

5.2.3. Formação formal e informal

Como linha condutora do aprimoramento e aperfeiçoamento para o exercício do que é ser treinador inquirimos os nossos entrevistados com o sentido de perceber como se formaram e continuam a formar.

Os cursos de treinadores, condição obrigatória para exercer esta profissão, foi consensual.

O Treinador A (Anexo 1, pág. xix) destaca “Fiz os cursos, tenho a carteira profissional de 4º nível, portanto fui-me documentando relativamente ao treino e também foi através de um curso de Educação Física”. Na mesma ótica, o Treinador C (Anexo 3, pág. xxxiv) afirma “Sobretudo na faculdade, também na Faculdade do Porto no Mestrado de Treino de Alto Rendimento Desportivo, nos cursos de treinador (...) e sempre que há conferências, sempre que há congressos de futebol, tento e faço por lá ir.”

Ginés Melendez (2012), diretor-técnico da RFEF (Real Federação Espanhola de Futebol), crê que o segredo do sucesso do futebol espanhol tem um ponto crucial que não começou no campo, mas sim nas salas de aula.

Paralelamente, a aprendizagem durante a carreira de jogador contribui significativamente, o Treinador D (Anexo 4, pág. xli) revela “Fui participando naquilo que é o trivial, a formação dos nossos cursos, fui observando, também temos que ser um bocadinho empíricos e a aprendizagem enquanto jogador com outros treinadores” e o Treinador G (Anexo 7, pág. lxii) confirma “fui tirando os cursos que a UEFA exige mas penso que com o decorrer da carreira como profissional de futebol se vai aprendendo para um dia mais tarde quando se for treinador ter conhecimentos daquilo que se faz enquanto profissional de futebol”.

Rui Bento (2011) corrobora: “Aproveitei esse conhecimento de jogo enquanto futebolista e assim, ao longo do tempo, desenvolvi esse desejo de ser treinador”.

A observação atenta, o debate, e a procura de conhecimentos foram também mencionados como meios de aquisição de competências.

O Treinador B (Anexo 2, pág. xxviii) é claro “Aprendendo com os treinadores, de cada um bocadinho”, o Treinador E (Anexo 5, pág. xlix) sintetiza “tentar ver, conhecer o mais possível, outros treinos, outros conhecimentos e adaptar para a nossa realidade” e o Treinador F (Anexo 6, pág. lviii) corrobora “O dia-a-dia, ver treinos, discutir, falar com treinadores, trocar ideias, ser livre e nunca estar fechado a isso”.

Assim, os cursos de treinadores são obrigatórios e é o instrumento mais referido pelos entrevistados. A aprendizagem com outros treinadores, sua observação, troca de ideias e a própria experiência de trabalho são complementos importantes naquilo que concerne à formação do treinador.

5.3. *Transferência e vantagens do jogador/treinador*

5.3.1. *Experiência enquanto jogador*

Iniciamos este segundo ponto à procura do relevo que é dado ao facto do treinador ter sido jogador no passado.

A experiência dos treinadores como atletas é importante (Oliveira, 2014).

Quando questionados sobre se o facto, de terem sido ex-jogadores, por si só, era motivo suficiente para serem bons treinadores, as respostas foram unânimes:

- o Treinador A (Anexo 1, pág. xix): “Suficiente não, longe disso. Eu nunca achei, nem acho, que ser bom jogador de futebol é igual a ser bom treinador de futebol”;

-o Treinador B (Anexo 2, pág. xxvii): “Não, de maneira nenhuma. E quem pensa assim nunca será um bom treinador. Porque o futebol dá-nos a

experiência, mas como eu digo um treinador é muito mais que para além do que aquilo que se pensa”;

-o Treinador D (Anexo 4, pág. xl): “Não, não é por aí que podemos achar que se pode ou não ser treinador. Senão tínhamos o Pelé grande treinador, o Eusébio grande treinador, o Maradona grande treinador e isso não é uma prova, nem uma condição sine qua non se for bom jogador tem que ser bom treinador”;

- o Treinador E (Anexo 5, pág. xlviii): “isso está fora de questão, é mentira”.

Indo ao encontro destas ideias, António Conceição (2012) afirma: “Temos o exemplo do José Mourinho, que é um dos melhores do mundo, e não teve uma grande carreira enquanto jogador”.

Apesar disto, é genérica a ideia de que ter sido jogador traz vantagens ao treinador.

Em primeiro lugar, o balneário, o experienciar de diversas situações.

Aqui o Treinador F (Anexo 6, pág. lviii) realça “a passagem pelo balneário é importante”. O Treinador C (Anexo 3, pág. xxxiv) é mais conciso “O que me dá ser ex-atleta é uma perceção maior de certas coisas. Por exemplo, eu sou capaz de entrar num balneário e perceber logo tudo o que se está a passar” e o Treinador G (Anexo 7, pág. lxii) elabora “que ajuda imenso a que o treinador tenha êxito no futuro acho que sim, porque como se costuma dizer, o jogador de futebol tem a vivência de balneário, conhece o balneário por dentro”.

Para o Treinador B (Anexo 2, pág. xxviii) “há tolerâncias que uma pessoa quando foi jogador sabe que tem que fechar os olhos e deixar passar um bocadinho alguns momentos complicados deles, as azias ou conflitos”.

À parte disso é na vertente técnica e tática segundo o Treinador A (Anexo 1, pág. xix) que reside o principal benefício: “A grande vantagem que o treinador tem sobretudo se jogou a um nível elevado é relativamente à cultura tática, aspetos táticos e técnicos. Essa é a grande vantagem que me parece a mim,

de quem jogou futebol, nunca vai com ideias pré-concebidas, mas que terá que se saber adaptar à realidade e às capacidades do que tem à sua frente para depois implementar um modelo de jogo”.

Depois disto estamos em condições de dizer que ter sido jogador não é tida como uma condição “chave” para se ser bom treinador.

Apesar disso, a vivência do balneário, o passar pelas situações na própria pele e mesmo a abordagem a aspetos táticos e técnicos são tidos como vantagens inequívocas a quem tem este histórico de ex-jogador e que usufrui delas na função de treinador.

5.3.2. Passado e relação com a metodologia utilizada

No que respeita à metodologia utilizada, importou-nos relacioná-la com o passado dos nossos entrevistados enquanto jogadores, de forma a perceber de que forma a convivência com diferentes treinadores influenciou o seu modo e método de atuação neste posto de liderança que é o de ser treinador.

É natural a ideia de que o passado teve uma influência particular, o Treinador D (Anexo 4, pág. xlii) assegura “Há sempre um processo de aprendizagem, de desenvolvimento enquanto jogadores que nos ajuda a depois transportar isso para treinadores. Essas vivências do passado, de treinadores que tivemos, também ajudam naturalmente àquilo que é a nossa metodologia e poderá influenciar, sem dúvida, naquilo que é os nossos métodos de trabalho”.

Ao mesmo tempo é salientado que os bons e maus exemplos foram fundamentais e que a vivência na prática dos métodos utilizados pelos diferentes treinadores permite ter uma perceção perfeita do efeito obtido.

O Treinador E (Anexo 5, pág. li) afirma: “Uma das coisas com que nós mais aprendemos é com os erros. E o que é que eu aprendi, o que é que eu não vou fazer. Isto é, coisas que os treinadores faziam e que achavam que estava bem

e que eu como jogador como estava lá a passar por aquilo via que aquilo não tinha resultado nenhum, não fazia efeito nenhum” e o Treinador G (Anexo 7, pág. lxiii) destaca a capacidade de seleção da informação: “com todos eles aprendi para que quando enverguei ou optei pela carreira de treinador tirasse os melhores proveitos daquilo que me ensinaram ao longo dos anos e que foram bons porque tive ótimos e bons treinadores”.

Apesar de ser notório que o passado enquanto jogador é tido como peça importante na metodologia implementada por cada treinador, é salientada também a atualização de conhecimentos e a constante busca de novas ferramentas de trabalho como fatores a ter em conta.

O treinador F (Anexo 6, pág. lix) explana que “Não podemos estar parados. Sempre em constante evolução, novas ideias, quem parar no futebol com as ideias e metodologia vai ter fracasso” e o Treinador A (Anexo 1, pág. xx) confirma “Terá que estar em atualização contínua e o passado poderá servir de base da formação, agora o treinador tem que ter a noção clara que tem que ser contínua e que não há nada acabado”, acabando o Treinador C (Anexo 3, pág. xxxv) por ir mais longe, “criei a minha própria metodologia, que é uma metodologia que enquanto jogador não utilizei”.

Está claro que o passado e o vivenciar com diferentes treinadores e seus métodos influencia a metodologia de trabalho do treinador ex-jogador, no entanto, é de relevar a importância dada à aprendizagem e atualização contínua como fatores preponderantes para o progresso e sucesso do treinador de futebol.

5.3.3. Influências no percurso e referências

Com o intuito de conhecer algumas influências particulares de alguns dos nossos entrevistados naquilo que é ou foi a sua forma de atuar enquanto treinador de Futebol, indagamos acerca das suas referências. Marco Silva

(2012) refere: “Tirei um pouco de todos”; Paulo Fonseca (2013) diz “ Aprendi com todos” e Augusto Inácio (2010) menciona “Eu tirei vários bocadinhos de alguns treinadores”.

O Treinador A (Anexo 1, pág. xx) é peremptório quando questionado sobre a sua principal referência: “Sim, José Maria Pedroto. Ainda hoje é reconhecido. As ideias dele ainda hoje estão atualizadas e integradas se compararmos ao treinador que era e, influenciou-me bastante na sua forma de estar e liderar o grupo, na sua metodologia de treino e sobretudo nas suas ações táticas e nas ideias que tinha do futebol” e o Treinador G (Anexo 7, pág. lxiii) tem a mesma referência “Claro que há um treinador que me marcou imenso como profissional de futebol que foi o Senhor Pedroto mas, com todos eles aprendi”.

Apesar de todos eles confessarem terem preferências, a ideia de tentativa de cópia é descartada afirmativamente.

O Treinador E (Anexo 5, pág. li) destaca “Tive vários. Uns influenciaram-me de forma positiva e outros de forma negativa. Os de forma negativa nunca tentei copiar porque é precisamente o contrário, isto é, tinha que estar sempre presente na minha mente, eu nunca posso fazer isto porque quando começar a fazer torno-me igual a ele” e o Treinador H (Anexo 8, pág. lxvii) continua “Eu não copieei ninguém mas houve muitos que me marcaram em todos os aspetos.” O Treinador D (Anexo 4, pág. xlii) é mais contundente “Não, nunca podemos copiar ninguém. No futebol nunca se pode copiar ninguém. Senão copiávamos todos o Barcelona e éramos todos campeões” e o Treinador G (Anexo 7, pág. lxiii) garante “Não, copiar acho que não se pode copiar ninguém. Pode-se aprender com todos eles”.

Para o Treinador F (Anexo 6, pág. lix) “Não há cópia no futebol. Quem tentar copiar não vai ter sucesso no futebol” e o Treinador B (Anexo 2, pág. xxix) arruma “tens que ser tu próprio”.

Apesar da referência no Futebol poder ser um ponto de partida, nunca se tornará um ponto de chegada.

Lito Vidigal (2009) comprova “Todos foram marcantes, por um ou por outro motivo, mas nenhum influenciou directamente a minha metodologia como treinador”.

O objetivo será tirar ensinamentos com os melhores para depois se ser um treinador com ideias próprias, não uma cópia mas um juntar de peças que o tornam único.

5.4. Concepção do jogo

5.4.1. Modelo de jogo

Para compreender e identificar ideologias relativas ao modelo de jogo preconizado pelos nossos entrevistados, bem como suas preferências e perceber a conexão com a sua prática enquanto futebolista, uma questão chave foi colocada: “O modelo de jogo/estrutura de jogo preferidos enquanto jogador é o mesmo enquanto treinador?”. Paulo Sérgio (2009), neste domínio, afirmou que talvez a sua “...experiência enquanto jogador que pisou terrenos mais adiantados tenha influência na minha concepção de jogo. Gosto que as equipas tenham sempre a baliza dos adversários nos olhos”.

Segundo os nossos entrevistados, o treinador pode ter um modelo mas parece comum a ideia de que a adaptabilidade do processo é algo que será mais importante:

O treinador A (Anexo 1, pág. xxi): “Não, de forma alguma. E volto a repetir: o treinador pode ter uma preferência por determinado modelo de jogo e depois tem que saber claramente quais são os jogadores que tem à sua frente para poder implementar e assumir o jogo”;

O Treinador D (Anexo 4, pág. xlii) “Não, não podemos criar isso (...) os grupos são todos diferentes, e de ano para ano os modelos de jogo se assim lhe quisermos chamar, são sempre diferentes porque a metodologia vai ser

diferente, os comportamentos são diferentes, os jogadores são diferentes e portanto, é tudo diferente”;

O Treinador H (Anexo 8, pág. lxvii) “Normalmente, eu costumo dizer, nós temos um plantel e nós temos que nos adaptar ao plantel que temos e quem faz o modelo de jogo são os jogadores. Portanto, é assim, se eu tenho uns jogadores que fazem certas situações tenho que me adaptar a eles. Eu nunca quis e nunca pedi que os jogadores se adaptassem ao treinador. Fui eu sempre que me adaptei à qualidade dos jogadores”.

O Treinador B (Anexo 2, pág. xxix) embora admita a sua preferência, concorda: “Sim. Eu fui sempre um defensor do 4-3-3. Depois o treinador, muitas vezes, tem que se adaptar aos jogadores que tem, e ter os jogadores para aquilo que tu queres fazer, para o modelo que tu queres meter no jogo” e o Treinador E (Anexo 5, pág. lxiii) não deixa margens para dúvidas: “com jogadores diferentes, eu não posso ter o mesmo modelo de jogo, eu não posso ter a mesma estrutura, então eu tenho que me adaptar àquilo que eu tenho”.

Carlos Carvalhal (2005) acrescenta: “Eu tenho um modelo de jogo. Um sistema de jogo, em que a equipa joga sempre da mesma forma, não tenho um modelo acima do sistema, defendo princípios e em relação a esses, as minhas equipas têm uma identidade semelhante. Agora há uma cultura e uma história que tem de ser respeitado nos clubes onde nós estamos e que não podemos negligenciar”.

Importou-nos também relacionar o passado dos treinadores, nomeadamente as posições que eles ocupavam em campo quando jogavam, com o facto da possível valorização e otimização da performance dos seus jogadores das mesmas posições. Embora seja genérica a ideia que de durante o treino não é dada mais atenção a esses atletas, parece que o vivenciar de determinada posição dá mais-valias em determinados momentos e garante outro à-vontade.

Na opinião do Treinador A (Anexo 1, pág. xxii) “Deu-me alguma competência para saber o que é que em todos os momentos de jogo um lateral esquerdo deve fazer. Se visse que ele cometia erros, claro falava com ele e dava-lhe a

minha experiência, mas só aí”. Na mesma lógica o Treinador C (Anexo 3, pág. xxvi) diz “quando tenho que lhes explicar alguma coisa, sinto muito mais segurança para lhes passar a informação” e o Treinador B (Anexo 2, pág. xxix) afiança “claro que na minha posição tenho sempre mais vantagem de explicar aquilo que eu passei, onde tinha mais dificuldades ou ao que dava mais valor”. Todavia, o Treinador D (Anexo 4, pág. xxxii) ressalva “. Não podemos estar a olhar para zonas do campo mais específicas pelo facto de termos jogado nesses espaços”. Para o Treinador E (Anexo 5, pág. liii) pode ser uma vantagem em termos de transmissão de conhecimentos ao atleta “Não dou mais atenção mas sei melhor aquela posição. Sei como funciona melhor (...) Eu acredito que consigo ensinar melhor esses jogadores em áreas específicas” e o Treinador H (Anexo 8, pág. lxxviii) insiste “Sim, certamente porque eu tento inculcar e corrigir certas situações que eles possam fazer e certos erros que eles cometam”.

Por tudo isto, podemos afirmar que todo o treinador terá o seu modelo preferido, influenciado muitas das vezes pela sua forma de jogar no passado, mas a capacidade de adaptação ao contexto e meios existentes é essencial. Da mesma forma, o treinador deve ter um conhecimento generalizado de todas as posições em campo, mas a verdade é que pelo seu passado enquanto jogador de Futebol, os seus atletas poderão ter mais-valias e um conjunto de soluções maior quando confrontados com problemas nas mesmas áreas de atuação no jogo.

5.4.2. *Percepções dos atletas*

As percepções que os jogadores têm acerca das capacidades do seu treinador ditam a partir de logo a crença existente nesta relação treinador-atleta.

Numa relação intrínseca com esta ideia procuramos atingir até que ponto o historial de ex-jogador conceituado influencia essa ligação.

A experiência do Treinador G (Anexo 7, pág. lxiv) é inequívoca “Sim, acho que sim, e estou a falar em relação a mim, que fui um jogador que jogou ao mais alto nível durante 14 ou 15 anos, e por aquilo que notei, há respeito, há confiança naquilo que se faz. Claro que, não dizendo mal de ninguém, acho que os próprios jogadores quando encontram um treinador destes têm muito mais respeito ou vão mais por ele do que por outra pessoa”.

Concomitantemente, é geral a ideia de que apesar de ser uma vantagem, é algo que terá que ser confirmado e valorizado no dia-a-dia.

Para o Treinador A (Anexo 1, pág. xxiv) é simples “Sim, à primeira vista e no primeiro impacto sim. Mas depois, o que faz a avaliação das pessoas na vida é o que eles fazem, não é o que eles dizem ou o que eles eram. Mas depois acho que é importante, as ações serem condizentes com aquilo que se foi, porque se não são, vão destruir o mito”, o Treinador F (Anexo 6, pág. lx) atesta “Sim, no primeiro impacto certamente que sim, mas com o trabalho e a relação diários é que nos damos ao respeito”, o Treinador B (Anexo 2, pág. xxix) confirma “Acho que sim, há mais ao respeito por aquilo que fizemos no passado. Mas também é assim, nós também temos que nos dar ao respeito” e o Treinador C (Anexo 3, pág. xxxvii) sintetiza “é um facto que andar no topo dá-te algum estatuto mas depois se tu dentro do campo não tiveres as competências de liderança e as competências técnico-táticas logo se vai perder aquele respeito mas o contrário também é verdade”.

Segundo o Treinador E (Anexo 5, pág. liv) “Hoje em dia, na mentalidade dos jogadores, eles têm respeito por essa pessoa, porque jogou ali ou treinou acolá. Quando o treinador não jogou em lado nenhum é difícil ganhar o respeito. Depois esse respeito vai ser contínuo ou descontínuo. Isto é, ele é contínuo quando eles vão ver que aquilo que eu falo é verdade”. Já o Treinador D (Anexo 4, pág. xliii) refere que isso não é o mais importante “O fundamental nisto é a capacidade de trabalho do treinador independentemente de ter sido o Pelé ou o Lelé”, e o Treinador H (Anexo 8, pág. lxxviii) corrobora “O respeito não se impõe, conquista-se”.

Na realidade, numa primeira impressão o treinador pode beneficiar do seu palmarés enquanto jogador. Posteriormente, isso será uma vantagem a ser explorada ou então tornar-se-á em algo de negativo e até pejorativo se a “bota não condizer com a perdigota”.

5.5. Treinador de “top”

No último tópico de análise interessou-nos compreender qual ou quais são as características que definem um treinador de elite.

A liderança é unanimemente a característica crucial.

Para o Treinador A (Anexo 1, pág. xxv) não restam dúvidas “A liderança”, o Treinador E (Anexo 5, pág. lvi) acrescenta “Uma característica que eu acho, e é uma característica em que eu não sou bom e acho que é fundamental, e tenho que mudar em mim, é a liderança”, o Treinador F (Anexo 6, pág. lx) faz referência, “há aqueles treinadores que se conseguem impor pela liderança, pelo discurso, pela maneira como passam para fora e passam para a equipa” e o Treinador B (Anexo 2, pág. xxx) atesta “Mas acima de tudo, acho que a liderança e ser um treinador com respeito por todos aqueles que treina, acho que é fundamental”.

No entendimento do Treinador C (Anexo 3, pág. xxxviii) “são três grandes dimensões, o tu teres bons conhecimentos e competências, tu teres competências de liderança porque o futebol vai para além do que é o próprio futebol e depois quando estiveres a exercer a tua profissão que é treinador de futebol, decidir sempre bem”.

O aspeto financeiro e as possibilidades dos clubes são na opinião do Treinador G (Anexo 7, pág. lxiv), aspetos fulcrais no êxito dos treinadores, “A diferença de uns treinadores para os outros, por vezes, ou a maior parte delas, é que há clubes que conseguem apetrechar as suas equipas com bons jogadores e para

isso é preciso dinheiro (...) o treinador pode ser muito bom mas senão tiver bons jogadores não consegue fazer uma boa equipa”.

Por fim, o Treinador H (Anexo 8, pág. lxviii) não deixa dúvidas: “Ser honesto, coerente e justo parece-me fundamental”.

António Conceição (2012) refere que “A principal característica que define a competência de um técnico é a sua personalidade”.

Em conclusão, o treinador de elite terá que ser em primeiro lugar um líder, depois ter conhecimentos técnicos, capacidade de decisão, estar inserido num clube com possibilidades financeiras e organizado, ter à disposição bons jogadores, para além da coerência e valores humanos inerentes a um cargo de relação diária com pessoas.

6. CONCLUSÕES

Ao longo do trabalho foi notória a tentativa e a intenção de centrar o estudo sobre a compreensão do fenómeno Futebol, analisando as percepções do ex-jogador e treinador.

Para começar, a paixão pelo jogo de Futebol é o grande impulsionador para a transição que é feita pelo ex-jogador até se tornar treinador.

Apesar do momento marcante que é o final da carreira de um futebolista, é evidente a preparação de muitos destes para o cargo de treinador.

Na relação do novo cargo com atletas que foram ex-colegas, é unânime que são aspetos que não se podem misturar, e que acima de tudo se deve ser profissional na nova tarefa desempenhada.

Quando se aborda o tema da formação formal do treinador, esta está a cargo dos cursos obrigatórios, contudo, paralelamente a isso, a aprendizagem com outros treinadores, sua observação, troca de ideias e a própria experiência de trabalho são elementos fundamentais para o aprimoramento e melhoramento do treinador numa vertente mais informal.

O ter sido jogador de futebol não dá garantias de alguém vir a tornar-se um bom treinador, no entanto, existem vantagens como a vivência de balneário, a experiência de diferentes situações, bem como alguns aspetos táticos e técnicos que poderão beneficiar e ajudar naquilo que é a performance do treinador.

O passado do jogador de Futebol com passagem por diferentes treinadores e realidades influencia claramente naquilo que é a futura atuação enquanto treinador e sua metodologia e é tido como um fator crucial de aprendizagem. Ao mesmo tempo é claro que a seleção da informação, a atualização contínua e a busca do conhecimento têm que andar de braço dado para se alcançar a evolução pretendida e o sucesso desejado.

Relativamente às influências, todos os jogadores tiveram e têm as suas preferências e referências relativamente aos seus treinadores. Contudo, quando esses jogadores passam ao papel de treinador o mais importante parece ser criar uma ideia própria, tentando juntar peças que o tornarão num treinador único. A cópia é uma inimiga do sucesso.

No que diz respeito ao pensamento e conceção sobre o jogo, a capacidade de adaptação à realidade e contexto existente é fundamental na tarefa do treinador, muito embora este tenha o seu modelo de jogo e suas preferências particulares.

Ao mesmo tempo, o conhecimento global de todas as posições em campo e suas funções é algo inerente às competências de todos os treinadores, apesar disso a verdade é que treinadores com passado enquanto jogadores demonstram outra à-vontade e outra facilidade para ensinar jogadores das mesmas posições.

Para os treinadores é consensual que o passado conceituado enquanto jogadores pode influenciar e beneficiar numa primeira instância a sua relação com os jogadores. Contudo, é no trabalho diário que essa relação ganha consistência e pode tornar-se ainda mais forte sob perigo do mito ruir.

Por fim, é de salientar que o treinador de elite é definido primordialmente pela sua capacidade de liderança alicerçada num conjunto de conhecimentos técnicos, boa capacidade de decisão, contexto favorável, para além da coerência e valores humanos inerentes a um cargo de relações interpessoais.

7. REFERÊNCIAS

- Almeida, N. (2011). Treinador de Futebol – “De aprendiz a maestro: um caminho...para a excelência!”. Dissertação apresentada às provas de Mestrado em Ciências do Desporto na área de especialização em Treino de Alto Rendimento. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Alves, P. (2011). Entrevista. Revista Futebolista nº72 – Agosto, 2011, pp. 38-39.
- Araújo, J. (2009). Ser Treinador. Coleção Textos de Desporto. Editorial texto.
- Bardin, L. (2008). A análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70.
- Bento, J. (2007). Em defesa do desporto. In J. O. Bento & J. M. Constantino (Eds.), Em defesa do Desporto – mutações e valores em conflito (pp. 9-55). Coimbra: Edições Almedina, SA.
- Bento, R. (2011). Entrevista. Revista Futebolista nº75 – Novembro, 2011, pp. 32-33.
- Billick, B. & Peterson, J. (2001). Competitive leadership – Twelve Principles for Success. Chicago: Triumph Books.
- Blanc, L. (2011). Entrevista. Revista Futebolista nº67 – Março, 2011, pp. 42-43.
- Borrie, A. (1996). Coaching science. In: Reilly T(ed), Science and soccer. London: E & F N Spon, 243-258.
- Brito, C. (2009). Entrevista. Revista Futebolista nº50 – Outubro, 2009, pp. 42-43.
- Cajuda, M. (2012). Entrevista. Revista Futebolista nº80 – Abril, 2012, pp. 38-41.
- Cândido, F. (2012). As Pegadas de um Jogador de Futebol. Exploração do conhecimento da prática: Estudo de caso sobre a vivência de um jogador de futebol. Dissertação apresentada às provas de Mestrado em Ciências do

Desporto na área de especialização em Treino de Alto Rendimento. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Carreiras de jogadores e treinadores. Consult. 18 Out 2016, disponível em <http://www.foradejogo.net/>.

Carreiras de jogadores e treinadores. Fotografias. Consult. 9 Jun 2017, disponível em <http://www.zerozero.pt>.

Carvalho, C. (2005). Entrevista. Revista Futebolista nº3 – Novembro, 2005, pp. 38-41.

Casquilha, J. (2012). Entrevista. Revista Futebolista nº85 – Setembro, 2012, pp. 38-39.

Cassidy, T., Jones, R., and Potrac, P., (2009). Understanding sports coaching: The social, cultural and pedagogical foundations of coaching practice. New York: Routledge.

Cédula e legislação do treinador de desporto. Consult. 20 Nov 2016, disponível em idesporto.pt.

Chelladurai P, Saleh SD (1980). Dimensions of leader behavior in sports: Development of a leadership scale. Journal of Psychology, 2: 34-45.

Chelladurai P. (1990). Leadership in sports: A review. International Journal of Sport Psychology, 21, 328-354.

Colaço, P. e Oliveira, J. (2014). Apontamentos e diapositivos das aulas de Teoria e Metodologia do Treino Desportivo. FADEUP – Universidade do Porto.

Conceição, A. (2012). Entrevista. Revista Futebolista nº57 – Maio, 2010, pp. 42-43.

Conceição, S. (2012). Entrevista. Revista Futebolista nº79 – Março, 2012, pp. 42-44.

Conceição, M. (2013). A Relevância da Tomada de Decisão na Formação de Jovens Futebolistas. Dissertação de Mestrado para a obtenção do grau de Mestre em Desporto para Crianças e Jovens, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Côté, J., Salmela, J., Trudel, P., Baria, A. And Russel S., (1995). The coaching model: A Grounded Assessment of Expert Gymnastic Coaches knowledge. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 17 (1), 1-17.

Correia, M. (2013). A liderança como fonte de eficácia coletiva. Tese apresentada para obtenção do grau de mestre em psicologia. ISPA.

Costa, J. (2009). Entrevista. *Revista Futebolista* nº49 – Setembro, 2009, pp. 42-43.

Couceiro, J. (2014). Entrevista. *Revista Futebolista* nº104 – Abril, 2014, pp. 34-35.

Damásio, A. (1994). O erro de Descartes. Emoção, razão e cérebro humano. Mem Martins: Publicações Europa-América

Deus, J. (2013). Entrevista. *Revista Futebolista* nº99 – Novembro, 2013, pp. 38-39.

Dicionário online de Língua Portuguesa “Priberam”. Consult. 26 Nov 2016, disponível em <https://www.priberam.pt/dlpo/treinar> e <https://www.priberam.pt/dlpo/treinador>.

Duarte, D. (2014). O sucesso e a eficácia do treinador de futebol – uma análise centrada na perceção de atletas e treinadores de diferentes contextos. Porto: D. Duarte. Dissertação de doutoramento em Ciências do Desporto apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Elmore, M. (1987). Investigation of high school athletes` perceptions of ideal coaching personalities. Thesis Microform Publications. Institute for Sport and Human Performance. University of Oregon, Eugene. Ore.

Especial: a importância da formação do treinador de futebol. Consult. 2 Ago 2017, disponível em <https://universidadedofutebol.com.br/especial-a-importancia-da-formacao-do-treinador-de-futebol/>.

FADEUP (2009). Normas e orientações para a redacção e apresentação de dissertações e relatórios. Universidade do Porto: Faculdade de Desporto, Conselho Científico.

Feltz DL, Hepler T, Roman N, Paiement C, (2009). Coaching efficacy and volunteer youth sport coaches. *The Sport Psychologist* , 23:24-41.

Fernandes, M. (2010). Entrevista. *Revista Futebolista* nº54–Fevereiro, 2010, pp. 42-43.

Ferreira M. (2008). Eficácia de liderança de treinadores de futebol. Estudo sobre a percepção de jogadores seniores masculinos. Monografia realizada no âmbito da disciplina de Seminário do 5º ano da licenciatura em Desporto e Educação Física, na área de alto rendimento-Futebol. FADEUP- Universidade do Porto.

Ferreira, D., Chicau, C., Fernandes, R. & Silva, C. (2012). Abandono da Prática Desportiva no Desporto Infanto-Juvenil: Identificação dos motivos que levam os jovens do Futebol 7 e Futebol 11 a abandonar a prática desportiva. Artigo publicado pela Associação de Futebol de Leiria.

Fleurence, P. and Cotteaux, V. (1990). Building the expertise from coaches of high-level athletes. *Avante*, (5), 54-68. (In French: English abstract).

Fonseca, P. (2013). Entrevista. *Revista Futebolista* nº84 – Agosto, 2012, pp. 42-44.

Garganta, J., & Silva, P. C. (2000) O Jogo de Futebol: entre o caos e a regra. *Revista Horizonte*, 5-8.

Garganta, J. (2014). O Treinador e o Treino. Aula 1 de Metodologia I - Futebol na licenciatura da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Garganta, J. (2013). Preparação de Crianças e Jovens Praticantes de futebol. Aula 3 de Metodologia I - Futebol na licenciatura da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Gilbert, W. and Trudel, P. (2006). The coach as reflective practitioner. In R.L. Jones (Eds.), *The Sports Coach as Educator: Re-conceptualising Sports Coaching*. London: Routledge.

Gonzalez, L. (2012). Entrevista. *Revista Futebolista* n88 – Dezembro, 2012, pp. 34-49.

Graça, A. (1997). *O Conhecimento Pedagógico do Conteúdo no Ensino do Basquetebol.*, FCDEF – UP, Porto.

Guilherme, J. (2013). Apontamentos das aulas de Metodologia do Desporto I – Treino Desportivo Futebol. FADEUP – Universidade do Porto.

Ilharco, F. e Lourenço (2007) *Liderança, As Lições de Mourinho*, Booknomics.

Inácio, A. (2010). Entrevista. *Revista Futebolista* nº53– Janeiro, 2010, pp. 42-43.

Jarosz, O. (2012). Report on Youth Academies in Europe. Retrieved from European Club Association

Jorge, R. (2011). Entrevista. *Revista Futebolista* nº71– Junho, 2011, pp. 56-59.

Lemyre, F. and Trudel, P. (2004). Le parcours d'apprentissage au rôle d'entraîneur bénévole. *Avante*, 8 (2), 40-55.

Lima, J. (2014). *De Jogador a Treinador, Um contributo para a história do treino e da pedagogia do desporto. Visão e Contextos.*

Lyle, J. (2002). *Sport coaching concepts. A framework for coaches behavior.* New York: Routledge.

Lopes, N. (2009). *Empresários de Jogadores: Os Donos da Bola do Futebol Moderno.* Crónica. Consult. 1 Jun 2017, disponível em

<http://www.jn.pt/desporto/interior/empresarios-de-jogadores-os-donos-da-bola-do-futebol-moderno-1317453.html>.

Lopes, R. & Salgueirosa, F. (2016). Futebol de campo: motivos que levam os atletas a desistirem da carreira profissional. Artigo da Universidade Tuiuti do Paraná.

Machado, M. (2009). Entrevista. Revista Futebolista nº44 – Abril, 2009, pp. 42-43.

Mesquita, I. (1998). A instrução do treinador no contexto dos jogos desportivos colectivos. In Treino Desportivo – Edição especial, pp. 55-58.

Mielke, D. (2007). Coaching experience, playing experience, and coaching tenure: A response to commentaries. International Journal of Sports Science & Coaching, 2(2), 141-142.

Miranda, J. (2014). Função, conhecimentos e competências do treinador de futebol. Trabalho realizado no âmbito da disciplina da licenciatura – Metodologia de desporto I – Treino desportivo – Futebol – da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Mota, J. (2009). Entrevista. Revista Futebolista nº45 – Maio, 2009, pp. 42-43.

Nash, C. & Collins, D. (2006). Tacit Knowledge in Expert Coaching: Science or Art? Quest, 58 (4), 465-477.

Nash, C. S., Sproule, J. & Horton, P. (2008). Sport Coaches' Perceived role frames and philosophies. Internacional Journal of Sports Science & Coaching , 3 (4), pp. 539-554.

Natal, A. (2013). Apontamentos das aulas de Metodologia do Desporto I – Treino Desportivo Futebol. FADEUP – Universidade do Porto.

Neto, J. (2014) Preparar para Ganhar. Edições PrimeBooks.

Oliveira, B., Amieiro, N., Resende, N. & Barreto, R. (2006). Mourinho: Porquê tantas vitórias? Lisboa: Gradiva.

Palma, N., Rosado, A., Mesquita, I. & Calvo, M. (2004) La relación entrenador--atleta en fútbol. Caracterización del comportamiento funcional de los entrenadores en situación de entrenamiento. EFdeportes.com Revista Digital, 10(70).

Pinho, N. (2009). O treinador de excelência no futebol: Elemento para uma cartografia multidimensional – um estudo centrado na perspectiva de jornalistas desportivos e treinadores de futebol. Porto: N. Pinho. Dissertação de licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.~

Programa Nacional de Formação de Treinadores. Consult. 6 Jun 2017, disponível em idesporto.pt.

Ribeiro, B. (2011). Entrevista. Revista Futebolista nº73 – Setembro, 2011, pp. 34-35.

Rodríguez, P. (2008). Análisis de las Acciones Colectivas en el Fútbol de Rendimiento. Tese de Doutoramento apresentada à Universidad del País Vasco – Facultad de Ciencias de la Actividad Física Y el Deporte.

Rogério, R. (2014). No “segundo tempo da vida”: O jogador de futebol e a passagem para a pós-carreira. Tese apresentada à Coordenação do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará.

Ruquoy, D. (1995). Situação de entrevista e estratégia do entrevistador. In L. Albarello, F. Digneffe, J. P. Hiernaux, C. Maroy, D. Ruquoy & P. Saint-Georges (Eds.). Práticas e métodos de investigação em ciências sociais (pp. 84-116). Lisboa: Gradiva.

Sérgio, P. (2009). Entrevista. Revista Futebolista nº47 – Julho, 2009, pp. 42-43.

Serpa, S. (1990). O Treinador como Líder. Ludens, XII, 23-32.

Silva, M. (2012). Entrevista. Revista Futebolista nº87 – Novembro, 2012, pp. 36-37.

Simeone, D. (2011). Entrevista. Revista Futebolista nº70 – Junho, 2011, pp. 72-73.

Starkes, J. L. & Ericsson, K. A. (2003). Expert Performance in sports: advances in research on sport expertise. Human kinetics.

Tarantini, R. (2016). Porquê este projeto. Do sonho de uma carreira à realidade da vida. Consult. 5 Jun 2017, disponível em <https://tarantini.pt/a-minha-caoa/>.

Tarantini, R., Travassos, B. & Seabra, A. (2017). Zerozero; Press Release Nº1, Janeiro.

Urbea, J. & Garcia, G. (2012). Êxito. Prime Books.

Valles, M. S. (1999). Técnicas cualitativas de investigación social. Reflexión metodológica Y práctica profesional. Madrid: Editorial Síntesis.

Vasconcelos, O. (2015). Questões terminológicas e estruturas nervosas intervenientes na Aprendizagem e Controlo Motor. Aula de Aprendizagem Motora em Licenciatura em Ciências do Desporto na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Vella, S. A., Oades, L. G. & Crowe, T. P. (2010). The application of coach leadership models to coaching practice. International Journal of Sports Science & Coaching, 5, 427-436.

Vidigal, L. (2009). Entrevista. Revista Futebolista nº42 – Dezembro, 2009, pp. 42-43.

Vidigal, L. (2014). Entrevista. Revista Futebolista nº106 – Junho, 2014, pp. 38-39.

Vilar, L. (2015). A Transição de Júnior para Sénior. Consult. 1 Jun 2017, disponível em <http://formarparavencer.blogspot.pt/2015/03/a-transicao-de-junior-para-senior-luis.html>.

Vitória, R. (2010). Entrevista. Revista Futebolista nº63 – Novembro, 2010, pp. 42-43.

Vitória, R. (2014). Entrevista. Revista Futebolista nº103 – Março, 2014, pp. 36-39.

Williams, S., & Kendall, L. (2007). Perceptions of elite coaches and sport scientists of the research needs for elite coaching practice. *Journal of sport science*, 25 (14), 1577-1586.

8. ANEXOS

ANEXO 1: Entrevista ao Treinador A

José Miranda: Quais os motivos que o levaram a assumir a função de treinador? O gosto pela modalidade? Dinheiro? Torna-se melhor treinador do que aquilo que foi enquanto treinador? Desenvolver o jogador?

Treinador A: O que me motivou a ser treinador de futebol após deixar de ser jogador de futebol talvez seja tudo isso, mas a minha grande motivação e a principal motivação foi poder pôr em prática tudo aquilo que eu fui vendo como e desculpando a modéstia, um jogador atento ao que os treinadores iam fazendo, as suas opções táticas e o tipo de treino que iam fazendo. Eu, paralelamente também já estava a fazer o curso de Educação Física e portanto também, fui vendo e verificando que poderia aplicar já como treinador de futebol tudo aquilo que vi enquanto jogador de futebol, quer na minha formação académica e também no sentido em que poderia contribuir para o desenvolvimento dos jogadores, sobretudo nas camadas jovens, que era a minha grande motivação e aquilo que eu gostaria de ter trabalhado com mais profundidade e no fundo acabei por fazê-lo. E na formação porque o que eu achava é que na altura e estou a falar nos princípios dos anos 80, a formação dos jovens era entregue a ex-jogadores de futebol com fraca formação académica e os objetivos que se pretendiam na formação não eram alcançados no meu entender como poderiam ser, com alguém com formação académica que poderia desenvolver e otimizar as capacidades inatas de cada um. No fundo a aplicação de tudo aquilo que eu aprendi quer como jogador quer na minha formação académica sobretudo em jovens atletas.

José Miranda: Quando se estava a sentir com menos capacidades para jogar já perspectivava a carreira de treinador, ou muito antes, ou só muito depois pensou nisso?

Treinador A: Eu fui pensando que realmente poderia ser treinador de futebol, dar continuidade à carreira de jogador de futebol e que, pela minha intervenção como atleta no seio da equipa e equipas a que pertenci, poderia ter

capacidades para exercer a função de treinador. Eu pensava, e a partir de determinada altura e sobretudo com o decorrer da idade e com a formação académica fui relacionando tudo aquilo que fazia com a possibilidade de vir a ser treinador de futebol, portanto eu ainda como jogador de futebol pensava que eventualmente poderia vir a ser treinador apesar de nunca ter sido uma opção de vida, a minha opção de vida era o ser professor de Educação Física, mas nunca descartei a possibilidade de vir a ser treinador de futebol. Sobretudo nos últimos anos da carreira já me estava a ver um bocadinho como treinador e estar atento a tudo o que era feito no seio da equipa.

José Miranda: E nessa mesma altura sentiu que algum treinador pressentiu o seu lugar em perigo pela sua presença e veteranaria?

Treinador A: Sim, eu, pessoalmente verificava isso. Não digo isso relativamente à minha pessoa, mas no geral, até porque a formação dos treinadores de futebol na altura era menos capaz e é difícil enquadrar na época, e estou a falar dos anos 70, os treinadores tinham algum medo dos jogadores que sobressaíam, sobretudo em termos culturais, e mostravam isso, e não só em relação a mim, mas a quaisquer outros jogadores já mais veteranos. Viam sempre o lugar em perigo, até porque os resultados como ainda hoje, menos bons e menos conseguidos, havia a chamada chicotada psicológica. Estavam sempre com medo pela insegurança e falta de formação que tinham, a maioria dos treinadores, mas não senti isso com todos os treinadores e depois vou dizer algumas exceções.

José Miranda: Depois de passar a treinador certamente treinou alguns ex-colegas enquanto jogador. Como lidou com isso?

Treinador A: Eu nunca treinei jogadores que tenham sido meus colegas enquanto jogador, portanto não posso dizer como lidei ou lidaria com isso. Até porque eu joguei a um nível elevado àquilo a que eu fui enquanto treinador. Como treinador treinei equipas de 2º ou 3º plano e como jogador joguei no Boavista e no Porto, por isso nunca tive a oportunidade de treinar jogadores que tenham sido meus colegas, portanto não respondo a isso.

José Miranda: Sentiu que o seu passado enquanto atleta era suficiente para ser bom treinador?

Treinador A: Não, nunca pensei nisso. Suficiente não, longe disso. A minha opinião relativamente a isso, o ter sido jogador de futebol, ou bom jogador ou ter atingido um bom nível como jogador, não dá um certificado de ser um bom treinador de futebol. Há outras exigências que são muito importantes para se ser treinador de futebol e eu nunca achei, nem acho, que ser bom jogador de futebol é igual a ser bom treinador de futebol.

José Miranda: Onde procurou formar-se e ir formando-se a fim de ser melhor treinador?

Treinador A: Fiz os cursos, tenho a carteira profissional de 4º nível, portanto fui-me documentando relativamente ao treino e também foi através de um curso de Educação Física que fiz e me foi dando bases relacionadas com treino e metodologia de treino, que aí sim me deram mais conhecimentos e me prepararam melhor para que eu fosse e pudesse vir a ser pelo menos, um treinador consciente.

José Miranda: Qual a transferência e vantagens que o treinador faz e tem fruto do seu passado enquanto jogador?

Treinador A: A grande vantagem que o treinador tem sobretudo se jogou a um nível elevado é relativamente à cultura tática, aspetos táticos e técnicos. Viveu-os de uma forma alta, em alto nível e portanto tem uma perceção de como poderá organizar a sua equipa e qual é a função de cada jogador na estratégia que o treinador quer implementar na equipa. Uma das vantagens que tem é ter a noção exata de que a estratégia que poderá utilizar em determinada equipa ou jogo tem haver com as potencialidades e as capacidades do jogador que tem. Nunca deve tentar impor as suas ideias ou a sua ideia de modelo de jogo com uma equipa, porque sabe que tem que ter determinados jogadores e determinadas características para. Essa é a grande vantagem que me parece a mim, de quem jogou futebol, nunca vai com ideias pré-concebidas, mas que

terá que se saber adaptar à realidade e às capacidades do que tem à sua frente para depois implementar um modelo de jogo.

José Miranda: Esse passado foi peça-chave na metodologia que utiliza ou utilizou?

Treinador A: Sim, penso que sim. Foi fundamental realmente a minha vivência como jogador de futebol. Até certo ponto, porque nós sabemos que hoje vai-se à Lua num instante e por isso a metodologia vai avançando, as coisas avançam rapidamente e portanto o que era no meu tempo como jogador passado pouco tempo já não é. Há a atualização contínua e a formação contínua de quem está ligado ao treino e à metodologia de treino e a toda a problemática do futebol. Terá que estar em atualização contínua e o passado poderá servir de base da formação, agora o treinador tem que ter a noção clara que tem que ser contínua e que não há nada acabado.

José Miranda: Há algum seu ex-treinador que o tenha marcado e influenciado de forma particular? Tenta ou tentou copiá-lo?

Treinador A: Sim, José Maria Pedroto. Ainda hoje é reconhecido. As ideias dele ainda hoje estão atualizadas e integradas se compararmos ao treinador que era e, influenciou-me bastante na sua forma de estar e liderar o grupo, na sua metodologia de treino e sobretudo nas suas ações táticas e nas ideias que tinha do futebol. Ele tinha umas ideias no meu entender, já bastante avançadas para a época, nomeadamente relacionados aos aspetos táticos e mesmo ao próprio treino, ele já utilizava mais o trabalho físico com bola, muito mais do que era habitual. Normalmente a parte física estava absolutamente dissociada da parte técnica e tática. Ele já integrava a formação física, técnica e tática, já englobava, já tinha algumas ideias de futebol e posso citar aqui uma: a noção de defesa-ataque. Ele defendia que essa noção é subjetiva. Para ele não havia defesa, havia só ataque, criava a mentalidade na nossa equipa. A ideia da equipa e ele organizava-a para isso é que atacar a bola sempre que a perdia, portanto recuperar a posse da bola e depois quando ganhava a bola o ataque à baliza adversária através da estratégia e da organização que ele procurava em

termos de organização ofensiva, todas as movimentações e combinações táticas que ele programava no treino já específico, treino absolutamente tático em cada uma das fases de jogo.

José Miranda: O “modelo de jogo”/estrutura de jogo preferidos enquanto jogador é o mesmo enquanto treinador?

Treinador A: Não, de forma alguma. E volto a repetir: o treinador pode ter uma preferência por determinado modelo de jogo e depois tem que saber claramente quais são os jogadores que tem à sua frente para poder implementar e assumir o jogo. Pode ter muita vontade de jogar, sei lá, num 4-3-3 e não ter possibilidades de utilizar esse 4-3-3 se não tiver uns alas rápidos e com cultura tática para poder fazer os equilíbrios defensivos que são necessários sempre que a equipa perde a bola, sobretudo quando as equipas jogam num sistema de 4-4-2 em que há vantagem numérica no meio-campo. Portanto esses reequilíbrios exigem jogadores com cultura tática para puder fazê-lo porque na minha opinião e os 4 momentos de jogo têm que estar interligados e essa ligação de equilíbrios e reequilíbrios é que vão ditar e sabendo os jogadores que tenho para fazer. Quando a equipa perde a bola, o que faz um treinador de futebol decidir sobre o seu modelo de jogo, no meu entender, é em primeiro saber quais os jogadores que tem, depois é sabendo que tem possibilidades e jogadores, suponhamos fazer ou implementar o modelo que ele acha que deve ser praticado, o que vai marcar a estratégia para determinado jogo é o momento de pressão, se é mais alto, se é mais baixo. E essa noção é que vai definir a tática que eu vou utilizar, isto é, se eu faço uma pressão alta, que seja no meio campo da equipa adversária, eu sei que a equipa adversária vai jogar em transição, por isso tenho que ter os equilíbrios necessários para evitá-la. Ou faço a pressão para obrigar a equipa adversária a lateralizar e a jogar para trás e permite a minha recuperação defensiva ou então baixo a pressão e encurto linhas e deixo jogar e vou-me recolher mais defensivamente. Se o Porto jogar no Estádio do Dragão com a Académica certamente a pressão será muito mais alta da equipa do FC Porto, vai procurar que a equipa da Académica que vai jogar em transição ofensiva ou

num contra-ataque direto ou apoiado e eu vou tentar evitar isso. Mas também tenho que definir que posso não conseguir e que eles também têm arte e engenho para tirar a bola da zona de pressão e que portanto me poderão encontrar em desequilíbrio. Portanto se eles conseguirem sair em transição direta eu tenho que procurar ganhar segundas bolas, se for apoiado eu tenho que cortar linhas de passe. Se não quiser correr riscos então baixo a pressão.

José Miranda: Pela posição que ocupava em campo quando jogava, dá mais atenção aos seus atletas que atuam nas mesmas zonas do campo?

Treinador A: Não, nunca. Deu-me alguma competência para saber o que é que em todos os momentos de jogo um lateral esquerdo deve fazer. Estava mais apto a poder falar sobre o lateral esquerdo, e o que ele poderia fazer. E o lateral direito igual. Por exemplo: imagina que a equipa adversária jogava sem extremo, sem ala daquele lado. Eu seria uma peça perdida, sobretudo em termos defensivos se não tivesse ninguém para marcar e em função da tática adversária, se estivesse a jogar com dois pontas de lança ou só com um, eu poderia subir ao meio campo se fossem jogar com um ponta de lança e empurrar o meu jogador de meio campo mais para a frente ou então poderia se eles tivessem a jogar com dois poderia fechar como central e pedir ao ala ou jogador de meio campo que jogasse à minha frente que sempre que eles atacassem pelo meu lado para fechar. Portanto as coisas estavam organizadas assim. Nisso poderia ter alguma vantagem. Eu também comecei a minha vida de jogador como segundo ponta de lança, depois jogador de meio campo e estava-me a impor como jogador de meio campo, e acho que em termos de características, eu tinha mais potencialidades como jogador de meio campo do que como lateral. Foi uma eventualidade e vou contar a história: eu estava no Boavista, o treinador era o Pedrito, o lateral esquerdo lesiona-se, o segundo lateral esquerdo também se lesiona e eu era esquerdo, sou esquerdo nato. E então, a única hipótese que havia como adaptar algum seria eu, e fomos jogar a Espinho, lembro-me perfeitamente, e o Boavista não estava a conseguir grandes resultados. A verdade é que fomos ganhar a Espinho, ganhamos folgadoamente 4 ou 5 a 0, e tive influência nas ações ofensivas da equipa

porque era um jogador de meio campo a jogar a lateral. O Espinho também fechou-se mais e criava desequilíbrios defensivos à equipa do Espinho e portanto a seguir jogamos com a CUF em casa e ganhamos 9-0, uma equipa que normalmente perdia por 1-0 ou 2-0. Portanto houve a surpresa de haver um lateral esquerdo a aparecer em zonas de ataque, as equipas não estavam preparadas para isso. Depois o grande motivo, e eu não queria jogar a lateral esquerdo, foi do treinador e a diferença do treinador, José Maria Pedroto, que me disse assim: “A única hipótese que tu tens de ir à seleção é a lateral esquerdo porque não há laterais esquerdos em Portugal. Agarra-te. No meio campo tens Chalana, Vítor Baptista, Shéu, Toni, este, aquele... lateral esquerdo não há. És tu e o Pietra.” E eu agarrei-me e acabei por ir à Seleção Nacional. Agora sinto que a minha produção como jogador não era de lateral esquerdo, aliás senti algumas dificuldades em termos de marcação, quando jogava com equipas mais fortes aconteceu por exemplo, de ir jogar a final da Taça de Portugal com o Sporting, e eu joguei no meio campo, exatamente porque o Sporting tinha um ala rápido que era o Marinho na altura e que jogava bem e eu não tinha grande sentido de marcação, por isso o treinador fez essa opção de me passar para o meio campo. E com as equipas grandes passava a jogar no meio campo porque não tinha grandes características defensivas.

José Miranda: Acha que estes saem mais valorizados que os restantes com o seu trabalho?

Treinador A: Não, porque eu queria a equipa como um todo. Não podia dar mais atenção. A equipa funciona se funcionarem todos, se todos souberem em termos táticos o que é que devem fazer em cada situação e momento de jogo. Por isso, não valorizava mais o lateral esquerdo que o médio ou o ponta de lança. Todos eles têm funções a cumprir quer em termos defensivos, quer em termos de ataque porque lá está, a noção da perda da bola, a equipa está logo a defender atacando a bola e portanto o jogador mais perto da bola e no meu entender, era isso que eu tentava aplicar, é o primeiro a atacar a bola e podia ser o lateral esquerdo por exemplo, mesmo em zona atacante ou o ponta de lança se fosse ele que estivesse mais perto. Portanto, esta noção coletiva de

equipa, de ocupação de espaços até à recuperação defensiva ou seja, da transição defensiva até à organização defensiva, que é aquilo que já está antes previsto e o lateral esquerdo está na posição de lateral esquerdo, o direito na posição de lateral direito... mas pode eventualmente estar na posição de ponta de lança e então essas ocupações têm que ser transmitidas a todos porque em qualquer situação de jogo um jogador de meio campo pode ser lateral esquerdo, ou um jogador de meio campo pode ter que ser central. Portanto, não há que privilegiar nenhuma posição, apesar de eu realmente ter mais à vontade para falar de um lateral esquerdo. Se visse que ele cometia erros, claro falava com ele e dava-lhe a minha experiência, mas só aí. Procurava valorizar todos os jogadores na sua posição. Rentabilizar todas as suas características. O que eu acho é que o que vai marcar a diferença nos jogadores é realmente a sua cultura tática. E se o treinador não transmitir ao jogador o que deve fazer em cada uma das posições, o jogador nunca evolui em termos de formação pessoal. Eu não sentia que o lateral esquerdo, por eu ter sido lateral esquerdo, estivesse mais motivado para me agradar.

José Miranda: Pensa que os jogadores têm uma perceção diferente perante um líder que foi ex-praticante, ainda mais se for conceituado? Como sentiu isso? Sentem-se mais motivados? Há mais “respeito”?

Treinador A: Sim, à primeira vista e no primeiro impacto sim. Mas depois, o que faz a avaliação das pessoas na vida é o que eles fazem, não é o que eles dizem ou o que eles eram. À partida se calhar será uma mais valia, claro que eu vinha do Porto, tinha sido internacional, tinha tido alguns êxitos em termos desportivos e isso quando cheguei era visto com alguma deferência e com alguma admiração. Mas depois acho que é importante, as ações serem condizentes com aquilo que se foi, porque se não são, vão destruir o mito. Há que valorizar isso. Será uma vantagem para depois ser valorizada mas também pode ser uma vantagem para ser desvalorizada. Se as ações não forem condizentes com aquilo que os jogadores pensam é negativo, não há vantagem nenhuma, há até uma desvantagem.

José Miranda: Qual considera ser a característica que define ou marca a diferença num treinador de elite? Porquê?

Treinador A: A liderança. Hoje, o futebol é um negócio, um comércio, portanto tem que ser valorizado. Os jogadores têm que ser forçosamente valorizados. E o treinador é uma peça fundamental nessa valorização. E a relação e liderança do treinador relativamente aos dirigentes, aos médicos, à equipa técnica, aos jogadores, aos media é extraordinariamente importante. Quem dominar essas áreas todas e tem que ser um líder em quem estes setores vejam nele capacidades de liderança. Uns numa perspetiva de negócio, outros numa perspetiva de equipa, outros numa perspetiva de serem reconhecidos pelo seu trabalho. Esta liderança de uma equipa alargada e a imagem que é transmitida para fora através dos media e imprensa é fundamental para a gestão do treinador. Para além das competências necessárias inerentes ao futebol que tem que as dominar em todas as suas vertentes. Depois a liderança do grupo é fundamental porque é ele que vai definir todo este negócio, porque no fundo é um negócio.

ANEXO 2: Entrevista ao Treinador B

José Miranda: Quais os motivos que o levaram a assumir a função de treinador? O gosto pela modalidade? Dinheiro? Torna-se melhor treinador do que aquilo que foi enquanto treinador? Desenvolver o jogador?

Treinador B: É um bocadinho disso tudo, mas acima de tudo é também passar alguma experiência aos jogadores, aquilo que nós fizemos como jogadores. Quando somos jogador temos uma noção diferente do que é um treinador porque quando somos jogadores lidamos só connosco, e quando se é treinador temos que lidar com 24 ou 25 ou 30 jogadores no plantel. E era isso que eu também queria descobrir, passar essa experiência aos jogadores em várias situações, situações muitas vezes em que não conseguem compreender as opções do treinador, ter sempre motivação para treinar e aprender aquilo que o treinador diz.

José Miranda: Quando se estava a sentir com menos capacidades para jogar já perspectivava a carreira de treinador, ou muito antes, ou só muito depois pensou nisso?

Treinador B: Quando jogamos futebol nós queremos sempre prolongar o mais possível. Logicamente quando estamos num clube grande, como eu acabei a minha carreira no FC Porto, há ali um momento em que nós não temos a capacidade ideal para jogar ao domingo. Se calhar temos para treinar, se calhar até já não estamos no máximo e quando não se treina no máximo ao domingo não se consegue corresponder, e eu cheguei a uma altura que vi que treinar na mesma exigência já não tinha capacidades físicas para jogar ao domingo e me estava a prejudicar e a prejudicar o próprio treinador em eu não dar o máximo nos treinos e nos próprios jogos. E realmente comecei a pensar que a carreira estava no fim, mas a vinda de treinador foi à posterior porque como sou um apaixonado por futebol, gosto de futebol, gostei sempre de aprender e agora com outros conhecimentos tentar passar algo aos jogadores.

José Miranda: E nessa mesma altura sentiu que algum treinador pressentiu o seu lugar em perigo pela sua presença e veterania?

Treinador B: Não, eu acho que não. Também pela minha maneira de ser, eu queria era só treinar bem. A minha liderança não era só tática, era uma liderança de querer ajudar e lutar por um lugar, de ajudar os colegas no próprio treino, de no jogo falar muito, tentar ajudar, mas nunca pensei que queria ser treinador. Porque para ser treinador principal exige muito, além de um jogador pensar que jogou 15 ou 20 anos e pensar que sabe tudo, porque não sabe, pelo contrário.

José Miranda: Depois de passar a treinador certamente treinou alguns ex-colegas enquanto jogador. Como lidou com isso?

Treinador B: Bem, apesar que há situações complicadas porque quando se é jogador e depois passa-se a treinador muitas vezes não é visto tão bem da parte do jogador porque pensa “agora que passas-te para o outro lado já és diferente” mas é mesmo diferente. Só que depois quando eles também passarem para o outro lado de treinador vêem que é mesmo diferente. É por isso que eu digo, nós temos que lidar iguais com todos, não podemos dizer fui jogador, fui colega dele e vou ter um carinho especial. Claro que tens sempre o carinho igual aos outros, nem mais nem menos e muitas vezes os jogadores pensam que por nós termos sido ex-colegas que já têm um estatuto diferente, que nós temos de lidar de maneira diferente. Mas não, penso que não, nós temos que ser corretos e leais com todos.

José Miranda: Sentiu que o seu passado enquanto atleta era suficiente para ser bom treinador?

Treinador B: Não, de maneira nenhuma. E quem pensa assim nunca será um bom treinador. Porque o futebol dá-nos a experiência, mas como eu digo um treinador é muito mais que para além do que aquilo que se pensa. Há vários fatores que uma pessoa quando joga futebol nem imagina nem lhes passa pela cabeça.

José Miranda: Onde procurou formar-se e ir formando-se a fim de ser melhor treinador?

Treinador B: Aprendendo com os treinadores, de cada um bocadinho em termos táticos, em termos disciplinares, em termos de liderança. Depois com o nosso curso de treinadores também vamos aprendendo, vamos bebendo muito daquilo que outros treinadores nos vão ensinando nos cursos e depois a própria experiência com outros treinadores já no ativo dá-nos alguma experiência para poder treinar.

José Miranda: Qual a transferência e vantagens que o treinador faz e tem fruto do seu passado enquanto jogador?

Treinador B: Se calhar na maneira de liderar com os jogadores, porque nós fomos jogadores, sabemos por vezes a maneira de eles não treinar, ficarem mais zangados, mais chateados no treino, sabendo lidar com isso. Porque nós passamos por aí. Claro que quando se é treinador, uma pessoa tem que ser exigente com todos, mas há tolerâncias que uma pessoa quando foi jogador sabe que tem que fechar os olhos e deixar passar um bocadinho alguns momentos complicados deles, as azias ou conflitos.

José Miranda: Esse passado foi peça-chave na metodologia que utiliza ou utilizou?

Treinador B: Eu vou ser sincero nesta pergunta porque eu nunca fui um treinador principal, aliás fui por alguns jogos, mas fui sempre um adjunto e a minha filosofia é ajudar sempre o treinador principal dentro da sua filosofia. Porque quando um treinador quer imitar alguém ou quer ser como aquele, dá barraca. Nós temos que ter a nossa filosofia, temos que saber o que queremos, temos que treinar aquilo que nós sabemos e não porque aquele faz um treino assim ou pelos livros. Isso dá sempre alguns problemas. Nós temos que ter o nosso ideal de modelo de jogo e aplicar e indo aprendendo com os erros.

José Miranda: Há algum seu ex-treinador que o tenha marcado e influenciado de forma particular? Tenta ou tentou copiá-lo?

Treinador B: Há coisas que se aprende, as lideranças, alguns treinos, mas o teu modelo de jogo, a maneira como tu queres a tua equipa, tens que ser tu próprio.

José Miranda: O “modelo de jogo”/estrutura de jogo preferidos enquanto jogador é o mesmo enquanto treinador?

Treinador B: Sim. Eu fui sempre um defensor do 4-3-3. Se calhar porque em Portugal foi quase sempre assim. Mas acho que é muito mais equilibrado na minha maneira de ver. Depois o treinador, muitas vezes, tem que se adaptar aos jogadores que tem, e ter os jogadores para aquilo que tu queres fazer, para o modelo que tu queres meter no jogo.

José Miranda: Pela posição que ocupava em campo quando jogava, dá mais atenção aos seus atletas que atuam nas mesmas zonas do campo?

Treinador B: Claro que nós temos a nossa experiência pela maneira como jogávamos e nos imponhamos em campo. Mas como treinadores vamos aprendendo e identificando outras posições em campo que são também importantes.

José Miranda: Acha que estes saem mais valorizados que os restantes com o seu trabalho?

Treinador B: Ano após ano, vamos vendo jogadores e vamos aprendendo com eles. Mas claro que na minha posição tenho sempre mais vantagem de explicar aquilo que eu passei, onde tinha mais dificuldades ou ao que dava mais valor.

José Miranda: Pensa que os jogadores têm uma perceção diferente perante um líder que foi ex-praticante, ainda mais se for conceituado? Como sentiu isso? Sentem-se mais motivados? Há mais “respeito”?

Treinador B: Acho que sim, há mais ao respeito por aquilo que fizemos no passado. Mas também é assim, nós também temos que nos dar ao respeito. E também digo, os ex-jogadores que não pensem só porque foram ex-jogadores e ganharam o que ganharam, dos clubes de onde vieram que podem fazer tudo

aquilo que lhes apetecer e não ser rigoroso ou justo com A B ou C. Nós temos um passado mas também temos que respeitar o passado e aqueles que nos pedem opiniões e ser iguais. Porque eu acho que numa equipa de futebol e são 23, 24 jogadores, a grande vantagem de um grande treinador é tentar, e é difícil, é os 24 jogadores no final de uma época dizer este treinador fez um bom trabalho, o adjunto fez um bom trabalho pelo aquilo que demonstrou. Eu ponho sempre o caso do Bobby Robson, que foi um treinador que quando acabou o campeonato e éramos 24 ou 26 jogadores, e não havia um, e houve sempre 7, 6 jogadores que jogam menos, adoravam o homem, pela sinceridade dele, pela maneira de trabalho dele, por aquilo que ele explicava. Acho que era um homem muito correto.

José Miranda: Qual considera ser a característica que define ou marca a diferença num treinador de elite? Porquê?

Treinador B: Eu acho que a liderança é um ponto fundamental. E ter um conhecimento profundo de futebol, saberes perfeitamente o que queres. E depois é preciso ter um bocadinho de sorte porque há tanto treinador bom que às vezes por pequeninas coisas não consegue alcançar o êxito. Mas acima de tudo, acho que a liderança e ser um treinador com respeito por todos aqueles que treina, acho que é fundamental.

ANEXO 3: Entrevista ao Treinador C

José Miranda: Quais os motivos que o levaram a assumir a função de treinador? O gosto pela modalidade? Dinheiro? Torna-se melhor treinador do que aquilo que foi enquanto treinador? Desenvolver o jogador?

Treinador C: A minha paixão pelo futebol nasceu desde os 8 anos e depois fiz a minha carreira como jovem jogador no FC Porto em que me apaixonei muito pelo futebol, em que o Porto deu-me e abriu-me muitas portas e eu percebi que podia continuar. Fui profissional de futebol, não fui um jogador de top mas fui um jogador que como eu costumo dizer andei lá na 1ª e 2ª divisão como profissional e quando estava a acabar a minha carreira como profissional de futebol senti que era disto que eu gostava, esta era a minha paixão e que não me via aos 34, 35, 36 anos, fora do futebol. Eu estudei para ter e encontrar mais uma ferramenta para no futuro eu encarar com mais otimismo, mas nunca quis ficar desligado do futebol. E então, mal terminei a minha carreira de futebol já me tinha preparado para ser treinador. Fui tirando os cursos de treinador de futebol, fui lendo muita coisa acerca do futebol, fui começando a estudar o futebol enquanto era jogador, lembro-me que tinha 31, 32 anos, e quando acabei a minha carreira de jogador de futebol eu já tinha o 3º nível, que neste momento é o UEFA Advanced. Isto para dizer que foi uma paixão, eu senti que tinha algumas competências e conhecimentos para ser treinador e depois também é um facto pela ambição e estando ligado ao futebol quero ser melhor treinador do que aquilo que fui enquanto jogador. Mas essa posso-te dizer nem é a questão fundamental. A questão fundamental foi por sentir que tinha competências e porque gosto de futebol e tenho paixão pelo futebol.

José Miranda: Quando se estava a sentir com menos capacidades para jogar já perspectivava a carreira de treinador, ou muito antes, ou só muito depois pensou nisso?

Treinador C: Muito antes. Se há uma coisa que eu me posso orgulhar é que eu consegui planear o meu final de carreira. Eu quis sair pela porta grande, saí com a Académica na 1ª divisão, não me quis andar a arrastar pelas 2ª e 3ª

divisões, porque eu tive convites para depois continuar e não quis. E então, comecei a preparar o meu futuro como treinador. Propus à direção da Académica, no meu último ano e tinha 34 anos, e estávamos na 1ª divisão e gostava que vocês encontrassem algures na estrutura do clube algo que eu pudesse integrar. E então, foi-me dado um papel de quase um treinador adjunto na equipa B, nem era bem um adjunto, eu era mais um elemento da equipa técnica do José Viterbo que apoiava aqueles miúdos da equipa B que tinham saído dos juniores e fazia este elo de ligação entre o que é o futebol profissional e os jovens que representavam a equipa B da Associação Académica de Coimbra. Portanto, isto foi já tudo planeado, já sabia o que queria e quando terminei aos 34 anos terminei a minha carreira, que já estava decidido, a Académica propôs-me ainda ficar na estrutura da formação e peguei na equipa dos sub-15. Depois no outro ano fui para os sub-19, primeiro ano em que nos sub-19 há o campeonato nacional de juniores que era dividido nas duas zonas, Norte e Sul. Foi comigo como treinador, as coisas correram bem e depois a partir dali chamaram-me para o futebol profissional. E a partir daí abracei a carreira como treinador de futebol profissional até hoje.

José Miranda: E nessa mesma altura sentiu que algum treinador pressentiu o seu lugar em perigo pela sua presença e veterania?

Treinador C: Eu penso que o nosso lugar está sempre em perigo e mesmo em qualquer clube, em qualquer modalidade em que haja competição, o nosso lugar está sempre em perigo. Porque as pessoas que estão de fora, ou as pessoas que estão dentro têm também ambições, querem chegar longe e portanto, vão fazer tudo e de tudo para ocupar a minha posição. Agora, eu acho que isso é saudável quando a competição é saudável. O que é que eu quero dizer com isto, se as pessoas estão à nossa volta ou que estão por fora, trabalham para serem melhores e jogam limpo e dizem ao outro, ao treinador, olha eu um dia mais tarde quero ser treinador de futebol, não quero ocupar o teu lugar, mas se tu me puderes ajudar a que eu seja também um bom treinador e quem sabe um dia tu vais para melhor e eu posso ocupar o lugar. Eu penso que essa competição é saudável e eu apoio porque eu também andei

assim, obviamente que nunca fui daqueles de atropelar ninguém, mas neste processo de subida de carreira temos que ter apoios, partilhar informação e sou completamente de acordo. Agora, o que não gosto e acho ninguém gosta é quando as pessoas que estão ao meu lado querem ocupar a minha posição e utilizam processos menos claros para conseguir isso. Isso, repúdio. Nunca senti como uma ameaça, mas senti sempre que o meu lugar pode estar em perigo se eu não trabalhar, se eu não utilizar as minhas ferramentas, as minhas competências, os meus conhecimentos e as minhas atitudes. Se eu não fizer isso o meu lugar está sempre em perigo. Agora dizer que tenho uma ameaça de um treinador só porque ele tem melhores conhecimentos que eu, ou está mais relacionado com certas pessoas para ocupar o meu lugar, a ameaça não vem daí. A ameaça vem do desafio que eu tenho que pôr em mim próprio para ser todos os dias melhor.

José Miranda: Depois de passar a treinador certamente treinou alguns ex-colegas enquanto jogador. Como lidou com isso?

Treinador C: Inicialmente é um bocado constrangedor porque o papel de treinador é diferente do papel de jogador, ainda por cima, ter jogadores que foram meus colegas e que partilharam certas intimidades comigo e depois eu vou para um lugar de chefia, um lugar onde eu tenho que decidir, onde eu tenho que escolher 11 Vou pôr o meu coração de lado e vou lidar com isto com a minha cabeça e com as minhas competências como técnico de futebol. e têm que ficar 5 de fora, obviamente que isso é constrangedor mas desde o princípio a medida que eu tomei foi, eu vou lidar isto mais com a cabeça do que com o coração. E foi isso que eu fiz, embora em alguns tivesse que dizer a esses meus amigos enquanto jogadores que a minha posição agora é diferente, estou numa posição ingrata, continuo a ser teu amigo, a nossa amizade vai continuar como antes mas neste momento tenho que decidir em termos profissionais. Se tiver que te pôr de fora, vou-te pôr de fora, se tiver que te mandar para a bancada, mando-te para a bancada, se tiver que te pôr a jogar ponho-te a jogar. Quero é que tu compreendas isso. Senão compreenderes, paciência, é a nossa amizade que está em causa.

José Miranda: Sentiu que o seu passado enquanto atleta era suficiente para ser bom treinador?

Treinador C: Não, ajuda. É uma ajuda. O que me dá ser ex-atleta é uma percepção maior de certas coisas. Por exemplo, eu sou capaz de entrar num balneário e perceber logo tudo o que se está a passar. O perceber o que é que o jogador está a sentir, o que quer falar, perceber quais são as suas ansiedades, quais são as suas alegrias, dá logo para entender. E isso vem da experiência acumulada como jogador. Por exemplo, dentro do campo sentir quando os jogadores estão com algum problema, mesmo saber quando os jogadores mesmo em termos técnico-táticos estão a falhar, eu consigo perceber melhor. Consigo também perceber melhor o que o jogo vai dar porque já presenciei muitos jogos idênticos. Agora, o estudo do futebol é diferente, isso não é como ex-jogador. Para seres um bom líder, para teres boas competências de liderança também tens que estudá-las. Elas estão dentro de ti, mas tens que estudá-las. E, sobretudo metodologia de trabalho, de treino, competências de treino, as capacidades motoras, as capacidades psicológicas, tudo isso advém do estudo, daquilo eu aprendi na faculdade e nos cursos que eu fiz de treinador. É aí que eu vou buscar as minhas ferramentas, saber qual é a carga que eu posso dar, qual é a recuperação que posso dar, quantos minutos tem aquele exercício, saber quais são os objetivos, se quero treinar para jogar mais na vertical como é que eu tenho que fazer. Isso advém do conhecimento, dos cursos, da faculdade.

José Miranda: Onde procurou formar-se e ir formando-se a fim de ser melhor treinador?

Treinador C: Sobretudo na faculdade, também na Faculdade do Porto no Mestrado de Treino de Alto Rendimento Desportivo, nos cursos de treinador, tenho o UEFA PRO neste momento e já o renovei, e sempre que há conferências, sempre que há congressos de futebol, tento e faço por lá ir. Tento informar-me, ainda agora tivemos no fórum de treinadores da Associação de Treinadores de Futebol. Sempre que há formações e eu veja que é útil para o meu enriquecimento futebolístico, eu vou.

José Miranda: Qual a transferência e vantagens que o treinador faz e tem fruto do seu passado enquanto jogador?

Treinador C: Eu penso que já fui respondendo. É a percepção que tem do futebol. Dá-lhe um know-how, que lhe permite partir para as situações com muito mais consistência porque tens a parte teórica que vais buscar e depois tens aquela parte como jogador. E então, tu encaras as situações com muito mais propriedade, com mais segurança, com mais consistência porque há muitas coisas que tu já viveste. Portanto, já sabes como vais lidar com as situações.

José Miranda: Esse passado foi peça-chave na metodologia que utiliza ou utilizou?

Treinador C: Não. Algumas coisas utilizei, mas posso dizer que na minha altura quando eu era futebolista, passei por 3 fases. Quando comecei a minha carreira como futebolista a metodologia de trabalho ainda vinha muito do atletismo e dos desportos individuais, depois apanhei ali uma fase, já estava nos meus 26, 27 anos que estava a haver a transição desta metodologia para a metodologia do futebol com um treino mais integrado, para um treino não tão tradicional, onde trabalhavas o bloco físico e depois, fazias o trabalho técnico-tático. No final da minha carreira, já comecei a ter treinadores a aplicar o treino mais integrado, por isso já estava numa mudança de metodologia de trabalho. E, quando acabei, é que fui buscar um bocado desse treino integrado mas aperfeiçoei-o, e hoje, criei a minha própria metodologia, que é uma metodologia que enquanto jogador não utilizei.

José Miranda: Há algum seu ex-treinador que o tenha marcado e influenciado de forma particular? Tenta ou tentou copiá-lo?

Treinador C: Não. Em todos os treinadores nós aprendemos. Até aprendemos aquilo que não se deve fazer. Eu tive muitos treinadores e aprendi sempre com eles muito. E, ficou-me sempre na retina coisas que eles faziam. Mas, nunca tentei copiá-los, nem nunca tentei copiar ninguém. Quando saiu aquela nova vaga e, explodiu o Mourinho, houve aquele boom, toda a gente falava do

Mourinho, eu via o Mourinho mas nunca quis copiar o Mourinho ou o Ancelotti ou mesmo treinadores que eu tive. Não, eu fui buscar um bocadinho daquilo que aprendi com cada um e criei a minha própria liderança, a minha própria metodologia, e sigo com ela.

José Miranda: O “modelo de jogo”/estrutura de jogo preferidos enquanto jogador é o mesmo enquanto treinador?

Treinador C: Não. Eu enquanto jogador, os treinadores gostavam muito do 4-3-3 ou 4-2-3-1, pronto o 4-3-3 com o triângulo do meio campo normal ou invertido. Jogávamos quase sempre assim e eu enquanto treinador utilizo às vezes esse modelo mas com princípios e subprincípios completamente diferentes daqueles que eu utilizava enquanto jogador. Mas utilizo já um modelo muito mais avançado, muito mais integrado do que aquele que utilizava como jogador.

José Miranda: Pela posição que ocupava em campo quando jogava, dá mais atenção aos seus atletas que atuam nas mesmas zonas do campo?

Treinador C: Não, não olho para eles em particular só porque eles jogavam a médio esquerdo ou a defesa esquerdo que era a posição que eu jogava. Mas, quando tenho que lhes explicar alguma coisa, sinto muito mais segurança para lhes passar a informação.

José Miranda: Acha que estes saem mais valorizados que os restantes com o seu trabalho?

Treinador C: Por exemplo, quando algum jogador joga a médio esquerdo e quer receber a bola e fazer o controlo orientado para ficar enquadrado com a baliza, eu consigo chegar ao pé dele e dizer qual é o espaço onde ele pode atuar, saber como é que ele tem que pôr o corpo. Isso, se calhar eu consigo melhor. Outro exemplo gritante, é quando estamos na fase de basculação em que a bola sai do outro lado e está do lado direito da nossa defesa, eu sei dizer a ele onde é que ele tem que fechar e qual é o espaço que ele tem que fechar. Eu tenho uma perceção melhor e sou capaz de explicar com uma nitidez maior

porque fui jogador. Mas no jogo em si, eu não estou a olhar só para aquilo, é para todos.

José Miranda: Pensa que os jogadores têm uma perceção diferente perante um líder que foi ex-praticante, ainda mais se for conceituado? Como sentiu isso? Sentem-se mais motivados? Há mais “respeito”?

Treinador C: É uma resposta muito difícil. Porque por um lado, há uns que sim. Quando tens um estatuto, e esse estatuto é teres ganho muita coisa no futebol, os jogadores vão-te respeitar por isso, porque tu andas-te no top. Por outro lado, há outros que não respeitam isso. O que eu digo é isto, na primeira reunião que o treinador tem com o grupo de trabalho, o grupo de trabalho sabe logo se ele percebe ou não de futebol, independentemente de ele ter sido um ex-jogador ou vir da faculdade sem qualquer experiência futebolística. Eles sabem logo se ele percebe de futebol ou não. O que vai marcar a relação entre os jogadores e o treinador são os aspetos de liderança. Podes perceber muito de futebol, se tu perdes o grupo de trabalho, se tu não tens uma liderança, se tu os perdes, tu não vais ter resultados. Mas já vi treinadores que não percebem muito de futebol, nem de tática, nem de mexer na equipa mas como têm uma liderança e conseguem puxá-los para eles, eles vão tendo resultados. Por isso já dá para ver aqui, a disparidade das coisas. O que eu te quero dizer é que é um facto que andar no topo dá-te algum estatuto mas depois se tu dentro do campo não tiveres as competências de liderança e as competências técnico-táticas logo se vai perder aquele respeito mas o contrário também é verdade.

José Miranda: Qual considera ser a característica que define ou marca a diferença num treinador de elite? Porquê?

Treinador C: Dou-te três grandes dimensões. A primeira são as tuas competências e já falamos delas. Tu podes adquirir essas competências enquanto jogador e enquanto estudo de futebol, tu tens que ter essas competências. Essa é a primeira dimensão. A segunda dimensão, que para mim é das coisas mais importantes é o aspeto da liderança. Tu tens que ser

um líder. E as capacidades de liderança não se esgotam só nas tuas capacidades técnicas. Aliás, é o Mourinho que diz que quem só sabe de futebol, não sabe nada. A diferença entre um técnico de futebol e um treinador é que um técnico sabe muito de futebol e o treinador sabe de futebol mas sabe de liderança. Tu podes ser um bom técnico de futebol mas podes ser um péssimo treinador de futebol porque não consegues agarrar o grupo para ti. E para agarrares o grupo para ti tens que ter competências de liderança. E as competências de liderança, não tens que imitar ninguém, tens que ser tu. São as tuas, e estão lá dentro. E a terceira dimensão que, para mim, agora, está a decidir os treinadores de top é a tomada de decisão. Com um exemplo percebe-se melhor, tens dois bons treinadores de futebol, com uma boa capacidade de liderança, os grupos estão com eles e morrem por eles. Esses treinadores também têm bons conhecimentos. O que vai decidir é quem no momento certo mexeu na equipa melhor, tomou a decisão de fazer aquela substituição, é o treinador que naquele jogo no onze pôs o jogador na posição certa, é aquele treinador que no momento certo mudou a tática ou a estrutura durante o jogo, é toda esta tomada de decisão, é conforme o jogador de futebol. Tu tens muitos jogadores de futebol que jogam bem, têm boa técnica, mas depois quando chega ao jogo, há só um momento em que ele tem que dar o último passe, em que ele tem que aparecer ao primeiro poste, em que ele tem que estar no local certo à hora certa. E isso vai da tomada de decisão. E portanto, essas são as três grandes dimensões, o tu teres bons conhecimentos e competências, tu teres competências de liderança porque o futebol vai para além do que é o próprio futebol e depois quando estiveres a exercer a tua profissão que é treinador de futebol, decidir sempre bem. Decidires bem quando vais contratar um jogador, decidires bem quando tens que fazer uma substituição, decidires bem qual é o teu onze inicial, decidires bem quando tens que dar um berro ou então teres que parar o treino para dizeres algo. Tudo isso faz parte da tomada da decisão. Tem que ser na hora e no local certo.

ANEXO 4: Entrevista ao Treinador D

José Miranda: Quais os motivos que o levaram a assumir a função de treinador? O gosto pela modalidade? Dinheiro? Torna-se melhor treinador do que aquilo que foi enquanto treinador? Desenvolver o jogador?

Treinador D: No meu caso pessoal, a situação de eu passar a treinador foi uma situação se quisermos anormal. E anormal porque eu estava no Varzim, tinha eu 29 anos, ainda muito jovem, pensava em jogar alguns anos ainda, ainda tinha essas capacidades físicas. Mas, e devido a dificuldades económicas do clube, à saída do treinador, eu já na altura como capitão de equipa, fui empurrado para essa situação. Depois de ali estar as coisas foram correndo bem, no seu dia-a-dia, e dentro daquilo que se espera para um clube da dimensão do Varzim e daí até assumir o papel de treinador na época seguinte foi um passo. Eu penso que quem anda no futebol desde miúdo, desde os seus 10, 11 anos nunca perde essa motivação. No fundo acaba por ser um bocadinho o papel do miúdo que gosta de futebol, que gosta de jogar à bola, gosta de ver o futebol, ia com o pai ou com a mãe ver os jogos e agora leva os filhos. Porque isto fica-nos no sangue e depois passamos para um papel diferente que é o de treinador, um papel de líder de um grupo e que temos que gerir. No fundo acabamos por fazer de recursos humanos daquilo que é a empresa nos conceitos atuais de futebol, das SAD's. E nós temos que fazer essa gestão. E é essa liderança, essa motivação, essa forma de trabalhar em que queremos desenvolver o atleta, a equipa, porque todos os anos são equipas diferentes, são atletas diferentes, por isso é um trabalho que motiva muito, que nos provoca muita ambição, muita competitividade e é extraordinário o papel que desenvolvemos no dia-a-dia porque somos a face daquilo que é a expressão futebolística de uma equipa ao domingo naqueles 90 minutos.

José Miranda: Quando se estava a sentir com menos capacidades para jogar já perspetivava a carreira de treinador, ou muito antes, ou só muito depois pensou nisso?

Treinador D: Eu tirei o meu 1º nível tinha 24 anos mas enfim, naquela altura não estava a pensar em assumir desde logo o papel de treinador. Fui um bocadinho atirado para as feras. Mas foi uma transição rápida. Para mim acabou por ser uma coisa mais simples porque fui sempre capitão das equipas onde estava, já era um pouco o líder do grupo e os meus colegas já me viam como isso e aí a passagem acabou facilitada pelos anos de capitão que levava nas diversas equipas em que estive.

José Miranda: E nessa mesma altura sentiu que algum treinador pressentiu o seu lugar em perigo pela sua presença e veteranaria?

Treinador D: Não porque eu ainda era jovem. O meu caso é uma situação especial. Tinha 29 anos, ainda pensava em jogar até aos 34, 35 anos. Nunca senti isso, nem nunca me preocupei com isso. Pelo contrário, eu até era sempre uma muleta para o treinador uma vez que assumia muitas vezes o papel de capitão de equipa e os treinadores gostavam e isso denotava a confiança que eles depositavam em mim.

José Miranda: Depois de passar a treinador certamente treinou alguns ex-colegas enquanto jogador. Como lidou com isso?

Treinador D: Bem, muito bem. Cheguei até a apanhar jogadores mais velhos do que eu, não colegas mas ex-adversários. Nos meus colegas foi um processo simples porque a braçadeira de capitão ao longo dos anos num grupo de trabalho tem peso e esse peso continuou quando assumi o novo papel. Um papel de liderança, uma liderança de chefiar um grupo de trabalho e gerir os recursos humanos e no fundo o papel do capitão também é um bocadinho isso naquilo que é o balneário e o controlar o balneário de uma forma positiva.

José Miranda: Sentiu que o seu passado enquanto atleta era suficiente para ser bom treinador?

Treinador D: Não, não é por aí que podemos achar que se pode ou não ser treinador. Senão tínhamos o Pelé grande treinador, o Eusébio grande treinador, o Maradona grande treinador e isso não é uma prova, nem uma condição sine

qua non se for bom jogador tem que ser bom treinador. O treinador já vem do feeling da pessoa, da capacidade da pessoa de liderança, porque no fundo como já disse o treinador é um gestor de recursos humanos. Depois, naturalmente, temos que acompanhar o desenvolvimento do que é a tática, mas isso até nem tem desenvolvido muito nos últimos anos, é a capacidade de liderança nos treinos e a gestão desses recursos é que é fundamental.

José Miranda: Onde procurou formar-se e ir formando-se a fim de ser melhor treinador?

Treinador D: Fui participando naquilo que é o trivial, a formação dos nossos cursos, fui observando, também temos que ser um bocadinho empíricos e a aprendizagem enquanto jogador com outros treinadores, nós absorvemos isso tudo. E depois, na prática como todos os anos o trabalho é diferente, porque todos os anos temos grupos de trabalho diferentes, os jogadores são diferentes, com qualidades e personalidades diferentes, acaba por não ser monótono e estarmos sempre a fazer a mesma coisa. O processo evolutivo é contínuo no estudo que nós fazemos aqueles atletas que nós temos. E isso é que é relevante e é motivador para aquilo que é o nosso trabalho.

José Miranda: Qual a transferência e vantagens que o treinador faz e tem fruto do seu passado enquanto jogador?

Treinador D: Isso depende. Pode haver jogadores que não têm o perfil. Até podem ter o conhecimento e a experiência, tudo isso e a sabedoria e o estudo mas depois não conseguir transportar para a liderança porque nunca tiveram esse papel enquanto jogadores. Por isso não se pode fazer uma relação direta nisso, pode-se é sim dizer que o jogador ao passar a treinador se já tiver de trás essa capacidade de liderança é evidente que ajuda.

José Miranda: Esse passado foi peça-chave na metodologia que utiliza ou utilizou?

Treinador D: É importante porque nós enquanto jogadores, como os atletas de hoje, apanhamos tantos treinadores ao longo da nossa carreira que com todos

eles vamos aprendendo algo, o bom e aquilo do pouco que não se deve fazer. Há sempre um processo de aprendizagem, de desenvolvimento enquanto jogadores que nos ajuda a depois transportar isso para treinadores. Essas vivências do passado, de treinadores que tivemos, também ajudam naturalmente àquilo que é a nossa metodologia e poderá influenciar, sem dúvida, naquilo que é os nossos métodos de trabalho.

José Miranda: Há algum seu ex-treinador que o tenha marcado e influenciado de forma particular? Tenta ou tentou copiá-lo?

Treinador D: Não, nunca podemos copiar ninguém. No futebol nunca se pode copiar ninguém. Senão copiávamos todos o Barcelona e éramos todos campeões, isto é quando eles são campeões. Se o Real Madrid fosse campeão no ano seguinte copiávamos todos o Real Madrid. Não pode ser, os grupos de trabalho são como são, as capacidades dos jogadores são como são, as nossas são como são, as estruturas do clube são como são, e tudo isso influencia naquilo que é a metodologia de trabalho e na forma de trabalhar. Por isso, não há um modelo de treino.

José Miranda: O “modelo de jogo”/estrutura de jogo preferidos enquanto jogador é o mesmo enquanto treinador?

Treinador D: Não, não podemos criar isso. Até pelo que disse anteriormente, ou seja, os grupos são todos diferentes, e de ano para ano os modelos de jogo se assim lhe quisermos chamar, são sempre diferentes porque a metodologia vai ser diferente, os comportamentos são diferentes, os jogadores são diferentes e portanto, é tudo diferente. Por isso, não podemos estar a transportar a metodologia deste ano para a próxima época.

José Miranda: Pela posição que ocupava em campo quando jogava, dá mais atenção aos seus atletas que atuam nas mesmas zonas do campo?

Treinador D: Não, não podemos ter isso. Temos que ter uma observação generalizada. Não podemos estar a olhar para zonas do campo mais específicas pelo facto de termos jogado nesses espaços. A equipa é um todo e

por isso temos que ter esse comportamento no dia-a-dia para com os atletas, para eles terem a percepção que o treinador tem a capacidade de absorver qualquer setor do terreno.

José Miranda: Acha que estes saem mais valorizados que os restantes com o seu trabalho?

Treinador D: Todos nós pensamos que fazemos as coisas bem e cada um faz o bem à sua maneira e perante o grupo que tem. Por isso, eu acho que todos os treinadores fazem bem o seu trabalho, respondem àquilo que é a necessidade do seu grupo de trabalho e isso é que é fundamental para os atletas e para o próprio treinador.

José Miranda: Pensa que os jogadores têm uma percepção diferente perante um líder que foi ex-praticante, ainda mais se for conceituado? Como sentiu isso? Sentem-se mais motivados? Há mais “respeito”?

Treinador D: Não acho que não. Acho que uma coisa não tem haver com a outra. O fundamental nisto é a capacidade de trabalho do treinador independentemente de ter sido o Pelé ou o Lelé.

José Miranda: Qual considera ser a característica que define ou marca a diferença num treinador de elite? Porquê?

Treinador D: A diferença do treinador de elite é aquele que lá está. Porque se repararmos e ao longo da história os treinadores vão passando, ou seja no dia seguinte pode estar num clube de outra dimensão muito mais fraca, e não deixou de ser um bom treinador. Acho que é injusto definir por aí porque todos os anos vimos a UEFA fazer reuniões com essas coisas da Champions League e vão lá treinadores que vão lá uma vez e não vão mais, e deixaram de ser? Agora o sistema é este, o critério é este, e respeita-se. O que eu sei é que isto é uma roda e nós andamos nesta roda. Temos altos e baixos. Há uma característica que é comum a todos os treinadores e em que são todos iguais, é que todos nós já perdemos. Não há nenhum treinador que só ganhou. Por isso, todos sabemos o que é a derrota e o que é a vitória.

ANEXO 5: Entrevista ao Treinador E

José Miranda: Quais os motivos que o levaram a assumir a função de treinador? O gosto pela modalidade? Dinheiro? Torna-se melhor treinador do que aquilo que foi enquanto treinador? Desenvolver o jogador?

Treinador E: A primeira foi, sem dúvida, desenvolver o jogador, isto é, passar a minha experiência a jogadores mais novos e que podia ser útil para eles alcançarem patamares muito mais elevados, que eu vi que podiam ser alcançados e que eu tive muitas dificuldades porque na minha experiência enquanto jogador não tive grande experiência ao nível de camadas jovens. Eu comecei apenas no último ano de juvenil, no primeiro ano de júnior parti a perna, não joguei, só joguei no último ano de júnior. Quer dizer que, camadas jovens quase não as fiz. Mesmo assim, consegui atingir um patamar elevado no futebol, mas podia ter sido muito mais elevado. Mas tive muitas dificuldades quando cheguei lá em cima. Eu tinha 25 anos e via miúdos com 16 anos, como o caso do Simão Sabrosa e o Vargas na altura, este até era melhor mas acabou por não dar, mas havia muitos mais, que tinham uma capacidade de decisão, uma capacidade técnica e tática muito superior à minha porque eu não tive esse ensinamento. Mas também, via que havia ensinamentos que eram dados e que não nos iam fazer falta lá à frente. Ainda hoje, assisto e há treinadores nas camadas jovens que estão a ensinar coisas que não vão fazer falta nenhuma lá em cima e, outras coisas que vão fazer falta, eles estão a passar por cima disso. Então, era essa experiência que eu queria passar aos jogadores, principalmente aos da minha terra. Eu que sou daqui de Amarante, gostava de passar essa experiência aos jogadores daqui e ajudá-los, porque vejo que há possibilidades e capacidades deles atingirem esse patamar e com alguns pormenores que são fundamentais e que, eu vi pela experiência, que vão fazer toda a diferença para eles atingirem esses patamares. Depois claro, também é por gostar de ser treinador. Também não minto que gostava de ser melhor treinador do que aquilo que foi enquanto jogador, e que, a parte financeira é extremamente importante. Todas estas partes são importantes. Mas a primeira e a que mais me fez seguir, foi passar essa experiência aos

jogadores e tudo aquilo que eu sei. Porque há coisas que tu se calhar aprendes na faculdade, nós aprendemos nos cursos mas que são coisas que não vão fazer grande diferença ao jogador. Um dos exemplos que eu te posso dar é a parte tática. Eu apanho um jogador que foi ensinado nas camadas jovens do Barcelona, e ele, agora, vem jogar comigo. O que ele aprendeu, agora, vai ser completamente diferente comigo porque eu tenho uma tática diferente. O contexto é diferente. Por isso, se eu estiver numa equipa profissional vou ter que lhe ensinar isso num mês, mês e meio. Mas há outros aspetos que são os aspetos técnicos individuais que eu não vou conseguir ensinar se o jogador não tiver aprendido nas camadas jovens. Há pormenores nos aspetos técnicos individuais, que são os mais simples e que a maioria dos jogadores não faz lá em cima. Isto é, há um pormenor que toda a gente dá como adquirido, não se dá importância porque acha-se que já sabe e que se chama receção e passe. E qualquer jogador seja ele qual for, em qualquer divisão, e mesmo nas divisões mais elevadas, não sabe fazer. Por isso, é que as pessoas muitas vezes ficam admiradas porque é que o Barcelona joga como joga. E nós vemos o Real Madrid que tem craques de todo o tamanho e não consegue jogar como o Barcelona joga. Porque o pormenor da receção da bola e do passe está interiorizado de uma tal maneira que aquilo é o futebol da forma mais simples a ser jogado. E os outros mesmo que queiram jogar daquela forma simples não conseguem porque aquilo não lhes é ensinado. Isto é, eles dão aquilo como um facto adquirido mas não está adquirido. Então, eles depois têm muita dificuldade em fazer aquilo. É isso que eu acho, que eu penso e que vi, e penso que é fundamental.

José Miranda: Quando se estava a sentir com menos capacidades para jogar já perspectivava a carreira de treinador, ou muito antes, ou só muito depois pensou nisso?

Treinador E: Um dos defeitos é precisamente isso, é que nós achamos que nunca vamos acabar a carreira de jogador, tentamos prolongar, não somos preparados para começar a pensar pós-carreira do futebol, mas eu creio que hoje em dia, e isso era extremamente útil para os jogadores, haver alguém ou

alguma instituição, que a partir de determinada altura, sem diminuir-lhes os objetivos, nem dizer que eles já estão inferiores, mas começar a conciliar a carreira que eles têm como jogadores com a possível carreira de treinadores. O que eu fiz, eu jogava no Braga, estava longe de acabar a carreira, mas já estava a tirar os níveis, o 1º, o 2º e o 3º nível, mas eu tirava não com o objetivo de ser treinador, para mim isso era uma coisa muito longínqua mas tirava porque achava que se calhar aquilo me ia fazer falta um dia. Por isso eu não tinha perspetivado. O passo para ser treinador surgiu numa altura negativa em que estávamos no Felgueiras, estava a terminar, o Felgueiras estava a passar uma fase muito má, o treinador embora fosse um treinador que eu aprendi muito, em termos de pessoa não era um bom treinador, porque o treinador engloba muita coisa, não é só saber de tática e técnica e então, ele não era muito bom. E nós como jogadores, e o clube estava a atravessar uma fase má e ele não foi Homem, nós praticamente o expulsamos, dissemos que ele não era preciso lá e eu e outro colega meu que éramos os capitães e os mais velhos começamos a assumir e a gerir a equipa. Nessa fase é-me proposto para o ano a seguir ser treinador e eu aceitei e quis assumir. Tirando os cursos enquanto ainda jogamos faz-nos pensar de maneira diferente, fez-me ter uma atitude muito mais profissional nos treinos, isto é, eu quando fui para o Paços de Ferreira era um clube de menor dimensão não fui logo titular, mas com o que aprendi fui melhor profissional e o treinador viu-me como um exemplo e estava-me sempre a apontar como um exemplo para os colegas, porque eu sabia qual era o posicionamento e a maneira de pensar de um treinador e aquilo que o treinador queria do jogador e aquilo que este tinha que fazer para ser profissional. Só para esclarecer, o jogador quando é jogador, ele não sabe o que é ser profissional de futebol. Isto é, ele acha que ser profissional de futebol é ser titular e jogar sempre. E isso, não me define como profissional de futebol. O profissional de futebol é eu, independentemente, de ser titular, de jogar, de ser opção ou não do treinador eu tenho sempre a mesma atitude no treino. Isso é que vai fazer de mim um profissional. E a maioria dos jogadores não sabe o que é isso. Eles acham que são pessoas que jogam futebol e que gostam de jogar à bola. Então, por isso, eles têm que ser titulares, têm que ser

os melhores e os preferidos do treinador. Mas isso não faz dele um profissional de futebol. Isso fez-me ver e ajudou-me muito para passar a mensagem que o que os treinadores vão querer são profissionais e não bons jogadores. Independentemente de ser titular, de jogar ou não jogar, ele tem sempre a mesma atitude e a mesma prestação nos treinos e nos jogos e é isso que vai fazer recair a escolha que eu quando fui treinador fazia. Eu não queria um jogador que fosse muito bom e me criasse problemas, eu queria um jogador que fosse profissional. Eu sabia que se calhar ele não atingia os 100% e a seguir estava nos 10% porque não era o preferido, mas era um jogador com o rendimento constante e então eu contava com isso em todos os jogos. Isso ajudou-me a ser um melhor profissional.

José Miranda: E nessa mesma altura sentiu que algum treinador pressentiu o seu lugar em perigo pela sua presença e veteranaria?

Treinador E: Sim, hoje em dia não, mas nos treinadores mais antigos sim. Se eu tiver um jogador mais antigo até o quero. No Chaves, no Lousada e nas equipas que treinei tinha sempre jogadores mais experientes e o que eu lhes pedi foi apoio para me ajudarem, porque eu sei que a experiência deles e o conhecimento deles do balneário vai ajudar o treinador e não o prejudicar. Mas, na minha altura, um jogador com a minha experiência, com a minha veteranaria e, até com o meu currículo, punha em perigo e até viam fantasmas se eu estivesse a falar com alguém, algum director, era uma ameaça para a posição deles. Mas hoje em dia, acho eu, que os novos não pensam dessa maneira.

José Miranda: Depois de passar a treinador certamente treinou alguns ex-colegas enquanto jogador. Como lidou com isso?

Treinador E: Lidei bem. Até porque já tinha feito os cursos e sabia como lidar. Mas houve jogadores que não souberam lidar. Mas penso que isso já vem da educação que é dada em casa. E muitas vezes, enquanto treinadores não lidamos com pessoas que têm o mesmo nível de educação, pessoas distintas. Então, houve jogadores que não sabiam lidar. Isto é, eles achavam o Luís Miguel não era o treinador e continuava a ser o amigo deles. E, uma coisa é

ser amigo e, eu fora de campo era o mesmo amigo, podiam-me tratar por tu e da mesma maneira, mas dentro do campo sou treinador deles. A minha maneira de estar tem que ser equidistante, não posso ser faccioso, não posso permitir que os meus sentimentos interfiram naquilo que estou a fazer, então tenho que ser igual para todos e muitos jogadores não sabiam lidar com isso. Portanto, tive algumas dificuldades com um ou outro jogador, com os restantes não.

José Miranda: Sentiu que o seu passado enquanto atleta era suficiente para ser bom treinador?

Treinador E: Não. Nós no inconsciente achamos que sim. Achamos que a “moral” que nós temos como jogador é suficiente para ser treinador e isso está fora de questão, é mentira. E se o jogador não tirar os cursos, ele não sabe treinar uma equipa de futebol, é impossível treinar. Aliás o treinador engloba muita coisa. Eu até tenho um pensamento do treinador e do treinamento muito mais avançado do que hoje em dia se utiliza. Por exemplo, quando eu era jogador ter um preparador físico era uma ameaça ao treinador, hoje em dia já não é ameaça. Depois ter um treinador de guarda-redes também era complicado ter. Depois, um fisioterapeuta também já era ameaça ao treinador. Um psicólogo também era ameaça porque ele é que ia tomar conta da equipa. Tudo isto é ameaças ao treinador. E eu, tenho um pensamento completamente diferente. Eu tenho o pensamento, que hoje em dia, uma equipa técnica, é lógico que o aspeto financeiro também conta mas as equipas de alta competição já podiam ter, e eu se estivesse numa dessas equipas já tinha, os treinos teriam que ser completamente alterados. Só para dar um exemplo, no meu tempo os guarda-redes treinavam connosco, mas depois chegou-se à conclusão que tinham que treinar à parte. Depois, todos os jogadores faziam a mesma coisa, as mesmas correrias. Agora, começou-se a especificar os treinos, pontas de lança, os avançados, treino por setores. Mas mesmo no treino por setores eu acredito que tem que haver treinadores diferentes. Porque, por exemplo, eu sou treinador de uma equipa técnica, se me perguntarem se eu sei treinar um guarda-redes, eu não sei, mas sei dar as

indicações ao meu adjunto o que é que eu quero que o guarda-redes faça, ele treina-o. Por exemplo, se eu tivesse um treinador de defesas, um treinador de meio-campo e um treinador de pontas de lança, pessoas específicas naquela área, pontas de lança que têm experiência específica naquela área que eu não a tive, essas pessoas podem ensinar muito mais coisas, podem-se especificar nesse tipo de treinos e eu sou o treinador principal e sei dar todas as indicações que quero para o modelo de jogo que quero implantar e para o estilo de jogo. Então hoje, é muito difícil as equipas fazerem isso. O que a minha equipa técnica consegue fazer mesmo só com três elementos, é muito difícil estar a treinar por exemplo, imaginemos, eu estou a treinar os avançados e os defesas têm que estar incluídos. Quando eu estou a treinar os avançados e os defesas estão lá, eu não consigo ver se os defesas estão a treinar bem ou se estão a treinar mal. O foco está nos avançados. Se eu tiver um treinador que está a treinar os avançados e o outro está a treinar a defesa na mesma altura mediante aquilo que eu lhe pedi para fazer, eles estão os dois a treinar na perfeição e eu, como treinador estou a ver se eles estão a fazer bem ou mal mediante o que pedi, e cada um está concentrado naquilo que está a fazer. Eu quando estou a treinar isso, eu não estou a ver se o guarda-redes está a fazer bem mas o treinador de guarda-redes está a ensinar o guarda-redes e corrige o que ele faz mal. E então, eu tenho o mesmo pensamento para os defesas, médios e avançados. Introduzir isso é extremamente difícil, é um pensamento novo, eu acho que no futuro podia vir a ser concretizado, entre outras coisas.

José Miranda: Onde procurou formar-se e ir formando-se a fim de ser melhor treinador?

Treinador E: A primeira coisa é nós nunca achamos que sabemos tudo. Depois é tentar ver, conhecer o mais possível, outros treinos, outros conhecimentos e adaptar para a nossa realidade. O mal é eu ir fazer um estágio ao Manchester United do Mourinho e chegar a um contexto diferente e querer fazer a mesma coisa. É uma coisa completamente diferente. Nós temos que adaptar à nossa realidade mas não só isso, um treino que eu tenha visto no Mourinho, por exemplo, eu tenho que a seguir fazer à minha maneira e para

aquilo que eu quero. Isso requer trabalho e pensar. Porque por exemplo, e só para dar um exemplo em relação à nossa maneira de treinar, num treino nosso, da minha equipa, nunca há um único jogador sequer, jogue muito ou pouco, seja muito ou pouco utilizado, se eu pegar nele, ele sabe fazer o que o titular faz, porque fazem todos a mesma coisa. Isso dá trabalho. Não há nenhum que esteja parado, ou fique de parte. E eu não vejo muitos treinadores a fazer isso. Se tiver que ficar de lado, eles fazem isso. Na minha maneira de pensar não existe isso.

José Miranda: Qual a transferência e vantagens que o treinador faz e tem fruto do seu passado enquanto jogador?

Treinador E: Eu penso que é muito grande. Eu não sou contra, por exemplo, os professores. Nem estou a dizer que eles não conseguem. Até porque eles vêm ajudar-nos. Eu acho que ajudam e tudo o que vem é uma ajuda enorme. Agora, quando estamos a analisar, e eu conheço muitas empresas de empresários que têm olheiros em todo o lado, e às vezes até me pedem ajuda, porque já fui jogador e outros não foram jogadores, e então é completamente diferente a maneira como um ex-jogador olha para um jogador para aquele que nunca foi jogador e a maneira como ele analisa o jogador. É completamente diferente e eu acho que faz toda a diferença e tenho visto isso de caras. Acho que a maneira como se analisa um jogador e a potencialidade do jogador não é diferente, é muito diferente. Eu tenho tido essa experiência agora, porque tenho estado mais de fora, não tenho estado a treinar, tenho estado mais ligado a empresários e pessoas que pedem opiniões sobre jogadores e aquilo é da água para o vinho, por exemplo um jogador que alguém que não foi jogador e está a analisar, ou um jogador para ser potencial é completamente diferente. Estamos a falar de coisas diferentes. A análise que ele faz é completamente distinta da que eu faço. E depois, para ficar sem dúvidas, outras pessoas que foram jogadoras e é igual. Isto é, quem jogou a bola vê quase da mesma maneira, quem não jogou a bola vê de maneira completamente diferente.

José Miranda: Esse passado foi peça-chave na metodologia que utiliza ou utilizou?

Treinador E: Sim. É extremamente chave. Uma das coisas que nós mais aprendemos é os erros. E o que é que eu aprendi, o que é que eu não vou fazer. Isto é, coisas que os treinadores faziam e que achavam que estava bem e que eu como jogador como estava lá a passar por aquilo via que aquilo não tinha resultado nenhum, não fazia efeito nenhum para aquilo que eles queriam. E então isso fez-me aprender, eu nunca posso fazer isto. Porque aquilo nunca dá resultado e os treinadores nem querem saber. Porque antigamente, era assim, a maneira de treinar era, isto é assim e então vai funcionar em todas as equipas assim. Outra das coisas que aprendemos nos cursos de treinador é que conceitos errados de treinos que as pessoas faziam, e eu fi-los durante muito tempo, até em equipas grandes como o Sporting e o Braga que os fiz e eles, os fisiologistas do esforço provaram, ali à frente de toda a gente, e eu tinha colegas meus na altura que faziam esse tipo de treinos, e provaram que aqueles treinos não faziam efeitos nenhuns, nenhum efeito prático para o treino. O único efeito que fazia era o efeito placebo, que é se vocês conseguirem interiorizar essa ideia nos jogadores, e que aquilo funciona, façam-no. Mas em termos práticos não faz efeito nenhum.

José Miranda: Há algum seu ex-treinador que o tenha marcado e influenciado de forma particular? Tenta ou tentou copiá-lo?

Treinador E: Tive vários. Uns influenciaram-me de forma positiva e outros de forma negativa. Os de forma negativa nunca tentei copiar porque é precisamente o contrário, isto é, tinha que estar sempre presente na minha mente, eu nunca posso fazer isto porque quando começar a fazer torno-me igual a ele. Imaginemos, eu nunca posso começar a fazer uma coisa que eu e os jogadores na altura odiávamos. E muitas vezes o jogador passa a treinador e passados uns anos de treinador começa a fazer a mesma coisa que os outros faziam. Então ele já está precisamente igual àquilo que ele odiava quando era jogador. É uma das coisas que eu tento ter sempre presente é não tornar-me naquilo que eu odiava quando era jogador, ter esse cuidado. E depois, outros influenciaram-me de maneira positiva, um deles influenciou-me de maneira positiva e negativa, positiva foi taticamente, era perfeito, era esse

tal de Felgueiras, e como Homem não era um exemplo a seguir, então aprendi com os erros dele, e tirei o melhor dele. Taticamente foi o melhor que eu apanhei de sempre. Outros também que eu aprendi coisas más, que não se devem fazer e que eu não compreendi porque as faziam, mas agora com a experiência como treinador eu começo a perceber que há coisas, que realmente, não fazem sentido nenhum mas têm que se fazer. Isto é, parece uma coisa completamente ilógica, mas se não o fizer põe em causa a carreira dele, põe em causa muita coisa e as pessoas gostam daquilo. As mentalidades, as ideias é das coisas mais difíceis de mudar, então eu aprendi que não se consegue mudar de um momento para o outro. Nós não podemos chegar lá, e de repente, fazer tudo diferente. Ok, eu até nem concordo com aquilo mas vou respeitar senão é muito radical para as pessoas, elas não estão habituadas. Mas há determinadas coisas que eu não consigo fazer, e talvez por isso hoje não esteja a treinar, porque se eu as fizer, eu deixo de me caracterizar não só como treinador e aquilo que eu penso, fica tudo em baixo, mas também como pessoa. Então isso não posso fazer, nunca vou fazer. Hoje em dia, o que eu penso e já se passava como jogador no fim da minha carreira, hoje em dia existe escravidão, e eu não consigo fazer isso. Eu não consigo treinar alguém que está a ser escravizado, tentei fazer isso duas ou três vezes e não consegui, não quero. E hoje em dia há treinadores que fazem isso, não se importam de fazer isso, continuam a fazer isso, também porque os jogadores também se sujeitam a isso. E eu, não consigo estar a exigir o máximo quando as pessoas não têm o máximo de condições para poder atingir aquilo. Então aquilo é praticamente escravatura e eu não consigo. Têm vindo reportagens na Sporttv sobre a escravatura no futebol e existe muito, muito. Aliás, é quase igual à prostituição.

José Miranda: O “modelo de jogo”/estrutura de jogo preferidos enquanto jogador é o mesmo enquanto treinador?

Treinador E: Não, e não só, eu como treinador aprendi o seguinte, embora goste daquele modelo, eu tenho que alterar porque quando nós mudamos de equipas, nós vemos que não conseguimos. E um dos exemplos em alto nível, e

que eu já tinha passado por essa experiência mas pensei, se calhar nós estamos a deixar de ser aquilo que somos. Então, eu agora começo a perceber e olho, por exemplo, para o Guardiola e vejo que ele não tem a mesma maneira de jogar que tinha no Barcelona ou no Bayern. Porque com jogadores diferentes, eu não posso ter o mesmo modelo de jogo, eu não posso ter a mesma estrutura, então eu tenho que me adaptar àquilo que eu tenho. Então se eu jogava com 3 defesas vou ter que jogar com 4, se eu jogava com 2 pontas de lança eu tenho que jogar com 1, se jogava com 1 agora tenho que jogar com 2. Então, eu tenho que me adaptar completamente, e é isso, para mim um dos desafios do treinador, é nós não estarmos só moldados a uma maneira de pensar e conseguirmos evoluir em maneiras diferentes e em modelos diferentes e melhorar. Eu creio que seja treinador, seja qualquer pessoa, jogador também, só evolui quando sai da zona de conforto. Eu não estou habituado a isto, então vou ter que me adaptar, e isso cria evolução e crescimento na pessoa e no treinador.

José Miranda: Pela posição que ocupava em campo quando jogava, dá mais atenção aos seus atletas que atuam nas mesmas zonas do campo?

Treinador E: Não dou mais atenção mas sei melhor aquela posição. Sei como funciona melhor, por exemplo, voltando atrás, na análise que nós fazemos do jogador e porque é que um treinador ex-jogador me faz analisar melhor um jogador. Isto é, eu fui extremo e depois defesa direito e há pessoas que metem um jogador a extremo, e eu, digo assim, aquele jogador nunca pode ser extremo porque as características que ele tem nunca vão dar extremo, aliás ele pode jogar ali nesta divisão mas se ele quiser ir mais além, eu tenho que ver e adaptá-lo. Mas muita gente acha porque faz isto ou aquilo vai para ali, e não. As características da posição exigem um determinado tipo de jogador. Não pode ser como me apetece, porque aquela posição exige umas características específicas. Eu também tenho alguns exemplos, um miúdo que jogava a ponta de lança, ia à seleção mas nunca jogava, era no Chaves, e eu peguei nele e até tinha outro jogador que era o Geraldês que agora está no Sporting e ele jogava a defesa direito no Chaves e era um jogador espectacular como defesa

direito ele cumpria, fechava, fazia tudo o que eu pedia, mas depois quando eu queria algo mais porque estava no Chaves e queria subir de divisão, eu dizia Geraldês quero que subas mais, e ele não conseguia subir porque quando nós temos uma equipa que quer algo mais, nós temos que ter um jogador que tenha aquelas características mas tenha algo mais. É por isso, que ele chega agora ao Sporting e não dá, tem mais dificuldades. Mas é um bom jogador. Então, o que é que eu fiz, peguei num jogador que era ponta de lança, não jogava em lado nenhum, nem no Chaves jogava e ele tinha as características exatas e perfeitas para aquilo que eu queria, que era ganhar jogos. Então ele era ponta de lança e eu metia-o a defesa direito. E conseguia ganhar os jogos com ele a defesa direito e esse jogador, hoje em dia, está no Boavista a defesa direito. E antes disso não jogava em lado nenhum.

José Miranda: Acha que estes saem mais valorizados que os restantes com o seu trabalho?

Treinador E: Eu acredito que consigo ensinar melhor esses jogadores em áreas específicas. Por exemplo, eu dou mais atenção à área da defesa porque foi um setor onde eu funcionei melhor, então eu sei orientar bem, embora também saiba orientar o meio-campo e os avançados. Por isso é que eu creio, que se houver alguém específico que possa melhorar o meu trabalho nessa área, o treino daqueles jogadores vai ser muito melhor, aqueles jogadores podem evoluir muito mais. Eu posso ir buscar bons profissionais, para os diferentes setores e eles podem evoluir mediante aquilo que eu quero e pretendo. É a mesma coisa que um engenheiro, ele faz a obra mas depois vai buscar os decoradores, os eletricitas, para ficar tudo do melhor. O treinador é mais um manager do que um treinador em si. Há muito gente que quer ser treinador, e quando um treinador quer ser treinador e estar no campo, e eu tenho essa experiência, se eu estiver a ensinar um jogador ou um setor específico, o resto eu não consigo estar atento. É impossível estar atento a tudo. Eu creio numa equipa técnica multidisciplinar, em que também está incluído o fisioterapeuta, um nutricionista, um psicólogo como em clubes onde eu já joguei. Também há o diretor desportivo, eu só digo como quero o hotel, e

o diretor trata de tudo, eu quero jogos contra esta e aquela equipa, o diretor desportivo trata de arranjar. O treinador sabe o caminho para o sucesso, como reunir as pessoas e depois vai gerindo para o caminho que traçou. E o futebol, penso eu, aí, ainda vai ter que evoluir. Havendo possibilidades tem que evoluir.

José Miranda: Pensa que os jogadores têm uma perceção diferente perante um líder que foi ex-praticante, ainda mais se for conceituado? Como sentiu isso? Sentem-se mais motivados? Há mais “respeito”?

Treinador E: Sim, sem dúvida. Hoje em dia, na mentalidade dos jogadores, eles têm respeito por essa pessoa, porque jogou ali ou treinou acolá. Quando o treinador não jogou em lado nenhum é difícil ganhar o respeito. Depois esse respeito vai ser contínuo ou descontínuo. Isto é, ele é contínuo quando eles vão ver que aquilo que eu falo é verdade. Os aspetos táticos, qualquer um sabe, isso é ensinado em todo o lado, nos cursos de treinador, nas faculdades. Mas há outros aspetos que englobam o jogo e que funcionavam antes de mim há 20 anos atrás e vão continuar a funcionar. E, esses aspetos, nunca vão mudar, são essas experiências que eu posso dizer, é quase como criar atalhos ao jogador. Para dar um exemplo, eu cheguei a uma equipa e fui falar com os guarda-redes e perguntei como eles gostavam dos homens nos postes, e eles disseram gostamos nos 2, e eu disse mas comigo só têm um homem num dos postes. E um dos guarda-redes extremamente experiente disse-me Mister faz mais falta no 1º poste e eu disse-lhe, olha que eu acho que faz mais falta no 2º, e tu depois vais ver porquê. Primeiro dei-lhe a explicação, no 1º poste se a bola for cabeceada com força o homem que lá está, nem reação tem. Geralmente ao 2º poste, as bolas são mais bombeadas e quando se cabeceia a bola vai muito morta, mais devagar, dá mais tempo se defender. E ele disse, mister não, para mim é melhor ao 1º poste. Logo no primeiro jogo treino, estávamos na pré-época e canto contra nós, ao 2º poste não estava ninguém, uma bola devagarinho e golo, ele olhou para mim e pronto. Eu podia exigir mas, assim ele ficou mais convencido de que aquilo era verdade. E depois, durante a época ele começou a ver, e depois introduzi mais coisas no setor defensivo, que há coisas que se passam sempre igual no futebol. Tu podes pôr a tática

que quiseses mas há coisas que tu encurtas caminho, indicações que tu dás aos jogadores. Por isso é que para mim o Jesus é o melhor do mundo taticamente e conheço muitos, o Vítor Pereira também é dos melhores. Quase todos os jogadores treinados pelo Jesus dizem, ele ensinou-me a ser jogador, eu aprendi muito com ele, fiquei melhor jogador. Porque quando os jogadores treinados por mim têm sucesso, eu fico extremamente satisfeito.

José Miranda: Qual considera ser a característica que define ou marca a diferença num treinador de elite? Porquê?

Treinador E: Uma característica que eu acho, e é uma característica em que eu não sou bom e acho que é fundamental, e tenho que mudar em mim, é a liderança. A liderança engloba muitas coisas. E quando eu era jogador e, capitão de equipa no Paços de Ferreira, o treinador e alguns directores, diziam assim, tu tens que mandar e berrar com eles, e eu não acreditava nisso. Não interessa se eu mando bem ou mal, é importante mandar e exercer autoridade. Eu achava que as pessoas deviam reconhecer pelo exemplo, mas eu notei que os jogadores, se não houver ninguém a mandar, eles facilitam. Eu vi treinadores fracos mas porque exerciam essa autoridade mesmo, por vezes errada, conseguiam ter sucesso. Eles até podem nem saber de tática nem técnica, mas porque mandavam, eles conseguiam ir tendo sucesso.

ANEXO 6: Entrevista ao Treinador F

José Miranda: Quais os motivos que o levaram a assumir a função de treinador? O gosto pela modalidade? Dinheiro? Torna-se melhor treinador do que aquilo que foi enquanto treinador? Desenvolver o jogador?

Treinador F: Essencialmente o gosto pelo jogo, a paixão do futebol é que me levou já enquanto jogador profissional de futebol, houve uma altura a partir dos 30 anos que conciliei jogador-treinador a nível de formação e comecei a tomar o gosto e a paixão que tenho pelo futebol motivou-me para continuar.

José Miranda: Quando se estava a sentir com menos capacidades para jogar já perspectivava a carreira de treinador, ou muito antes, ou só muito depois pensou nisso?

Treinador F: Já muito antes, já enquanto jogador tive a oportunidade e o privilégio de poder treinar formação e comecei a perceber a parte do treinador e a responsabilidade que é. É totalmente diferente. Eu acho que se todos os atletas profissionais pudessem passar por essa experiência sentiam e olhavam para o futebol de maneira diferente porque não é fácil ser treinador e pensar o jogo. Enquanto o atleta vai treinar e chega ao final do treino e vai para casa descansar e depois pensa no jogo, o treinador está sempre constantemente a pensar no treino, o que correu bem, o que correu mal, para melhorar o próximo treino e o jogo. E isso é um bocado desgastante mas para quem anda por paixão é motivante.

José Miranda: E nessa mesma altura sentiu que algum treinador pressentiu o seu lugar em perigo pela sua presença e veteranaria?

Treinador F: Não, nunca. Fiz sempre tudo em prol da equipa enquanto jogador. Fui sempre jogador de equipa. Pus sempre os treinadores à vontade. Sabiam que tinha o nível de treinador e foram eles também que me cativaram a treinar formação, essencialmente no Paredes, com o Professor Rui Quinta e o Mister Fernando Valente é que me incentivaram a treinar formação. Eles eram meus treinadores no futebol sénior, portanto nunca teve em causa esse aspeto.

José Miranda: Depois de passar a treinador certamente treinou alguns ex-colegas enquanto jogador. Como lidou com isso?

Treinador F: Treinei e continuo a treinar ex-colegas. É tranquilo, de maneira igual. Trabalho é trabalho. Amizade é amizade. Fora do campo somos amigos, dentro do campo somos todos iguais. E da parte dos jogadores, eles souberam respeitar essa parte e eu nunca tive dificuldades nesse aspeto.

José Miranda: Sentiu que o seu passado enquanto atleta era suficiente para ser bom treinador?

Treinador F: Bons treinadores, eu acho que todos nós somos. Agora queremos ser melhores, cada vez melhores. E claro que, a passagem pelo balneário é importante. Há pormenores, sentir quando o jogador está motivado, quanto está contente ou descontente é importante mas não o mais importante. O mais importante é perceber os momentos da equipa, conseguir transmitir a nossa ideia de jogo para o jogador, e que ele acredite nela. Quando assim é, é meio caminho andado para o sucesso.

José Miranda: Onde procurou formar-se e ir formando-se a fim de ser melhor treinador?

Treinador F: O dia-a-dia, ver treinos, discutir, falar com treinadores, trocar ideias, ser livre e nunca estar fechado a isso. Só discutindo e expondo as ideias uns dos outros é que se pode melhorar.

José Miranda: Qual a transferência e vantagens que o treinador faz e tem fruto do seu passado enquanto jogador?

Treinador F: Como eu disse há pouco, há pormenores que são importantes, que têm haver com perceber o jogador e que não é fácil. Claro que o jogador é um pouco egoísta, se jogar está tudo bem. Claro que há exceções mas a maioria dos jogadores se jogarem o treinador é bom se não jogarem... Por isso é que é preciso esse pequeno conhecimento, estar atento e saber motivar os jogadores mesmo os que não jogam, para estarem sempre disponíveis para ajudar a equipa.

José Miranda: Esse passado foi peça-chave na metodologia que utiliza ou utilizou?

Treinador F: Inicialmente sim, mas estamos sempre a alterar e a evoluir. Não podemos estar parados. Sempre em constante evolução, novas ideias, quem parar no futebol com as ideias e metodologia vai ter fracasso.

José Miranda: Há algum seu ex-treinador que o tenha marcado e influenciado de forma particular? Tenta ou tentou copiá-lo?

Treinador F: Não há cópia no futebol. Quem tentar copiar não vai ter sucesso no futebol. Há ideias e há coisas que enquanto jogador eu tirei, coisas que eu achei que eram boas e que faziam bem e eram positivas e outras negativas tento não repeti-las. Mas copiar nunca copiei por ninguém.

José Miranda: O “modelo de jogo”/estrutura de jogo preferidos enquanto jogador é o mesmo enquanto treinador?

Treinador F: Sim, a minha ideia de jogo é um jogo em termos de posse, em que o jogador se sente motivado, eu gosto que o jogador tenha prazer naquilo que está a fazer e que esteja a fazer e acredite tanto a nível de treino como de jogo. Sei que é um jogo mais difícil de trabalhar. Na minha opinião, é muito mais fácil o trabalho de organização defensiva. O processo ofensivo é muito mais difícil, mas é aquilo que eu gosto e tenho trabalhado todos os dias.

José Miranda: Pela posição que ocupava em campo quando jogava, dá mais atenção aos seus atletas que atuam nas mesmas zonas do campo?

Treinador F: Percebo melhor, mas tenho que tentar perceber todas as posições. Há uma posição que eu não percebo tanto, principalmente a nível técnico, que é o trabalho de guarda-redes, mas por isso é que somos uma equipa técnica e acredito cegamente nas pessoas que trabalham comigo. É por isso que é muito importante uma equipa técnica, pessoas que discutam e falem de futebol e suas ideias e trabalham todos para o mesmo.

José Miranda: Acha que estes saem mais valorizados que os restantes com o seu trabalho?

Treinador F: Não penso que não. É importante que todos os jogadores percebam aquilo que eu penso e o que têm que fazer. É importante que um lateral saiba o que é que o ponta de lança tem que fazer quando temos bola ou não a temos e um ala dos centrais e os centrais dos alas, dos laterais... toda a gente perceba o jogo e a sua essência. Quando assim é, e conseguimos passar a informação para o jogador e os jogadores percebem a nossa ideia de jogo e aquilo que nós temos que fazer quando temos a bola e não a temos em vários momentos de jogo, a partir daí tudo se torna mais fácil.

José Miranda: Pensa que os jogadores têm uma perceção diferente perante um líder que foi ex-praticante, ainda mais se for conceituado? Como sentiu isso? Sentem-se mais motivados? Há mais “respeito”?

Treinador F: Sim, no primeiro impacto certamente que sim, mas com o trabalho e a relação diários é que nos damos ao respeito. Mas essencialmente os jogadores têm que perceber que têm que respeitar as pessoas que estão a liderar. Pela minha pequena experiência como treinador os jogadores sentem-se motivados com o jogo e a ideia de jogo que nós praticamos. É para isso que trabalho diariamente, exercícios onde o jogador se sinta motivado para ir treinar e não para ir ao treino. E que vão para o treino com prazer e não como uma obrigação. Mas isso claro que dá trabalho.

José Miranda: Qual considera ser a característica que define ou marca a diferença num treinador de elite? Porquê?

Treinador F: Essencialmente, e por muito bem que se trabalhe, o que define um treinador são os resultados. Esse é o primeiro ponto. Depois há aqueles treinadores que se conseguem impor pela liderança, pelo discurso, pela maneira como passam para fora e passam para a equipa.

ANEXO 7: Entrevista ao Treinador G

José Miranda: Quais os motivos que o levaram a assumir a função de treinador? O gosto pela modalidade? Dinheiro? Torna-se melhor treinador do que aquilo que foi enquanto treinador? Desenvolver o jogador?

Treinador G: Quem anda no futebol como eu andei durante todos estes anos, como jogador e profissional de futebol, penso que a maior parte do jogadores sonham em um dia vir a ser treinador e eu não fugi à regra. Eu ainda jogava e fui tirando os cursos e depois quando acabei a minha carreira profissional como jogador passei a treinador de futebol.

José Miranda: Quando se estava a sentir com menos capacidades para jogar já perspetivava a carreira de treinador, ou muito antes, ou só muito depois pensou nisso?

Treinador G: Como eu disse atrás, eu ainda jogava, ainda faltava muitos anos para acabar a minha carreira como profissional de futebol mas fui tirando os cursos de treinador que apareciam. E quando acabei de jogar futebol já tinha conseguido os quatro cursos, que são aqueles que ainda hoje, a própria UEFA exige para ser treinador de futebol e quando acabei a minha carreira desportiva como jogador já tinha esses mesmos quatro cursos. Claro que foi bom consegui-los tirar e ter tirado ainda enquanto jogador de futebol.

José Miranda: E nessa mesma altura sentiu que algum treinador pressentiu o seu lugar em perigo pela sua presença e veteranaria?

Treinador G: Não acho que não. Acho que qualquer treinador olha para os jogadores pelo seu rendimento, acho que não interessa a idade, não interessa quem é o mais velho ou o mais novo, interessa sim aquele que tem o melhor rendimento ao longo do ano e que ofereça as melhores condições ao treinador.

José Miranda: Depois de passar a treinador certamente treinou alguns ex-colegas enquanto jogador. Como lidou com isso?

Treinador G: Normal, eu como treinador costumo dizer que há uma linha que separa o jogador do treinador de futebol. Acho que tem que haver respeito mútuo, respeito do treinador para os jogadores e dos jogadores para o treinador, e se isso houver é meio caminho andado para se ter sucesso.

José Miranda: Sentiu que o seu passado enquanto atleta era suficiente para ser bom treinador?

Treinador G: Não. Só o ser ou jogar muitos anos futebol como jogador profissional não quer dizer que vá ser um bom treinador. Mas, que ajuda imenso a que o treinador tenha êxito no futuro acho que sim, porque como se costuma dizer, o jogador de futebol tem a vivência de balneário, conhece o balneário por dentro, mas, há outras coisas que nós também temos que acompanhar, que é a metodologia de treino, aquilo que os outros clubes fazem para se continuar a aprender.

José Miranda: Onde procurou formar-se e ir formando-se a fim de ser melhor treinador?

Treinador G: Para se ser treinador tem que se ter cursos, fui tirando os cursos que a UEFA exige mas penso que com o decorrer da carreira como profissional de futebol se vai aprendendo para um dia mais tarde quando se for treinador ter conhecimentos daquilo que se faz enquanto profissional de futebol.

José Miranda: Qual a transferência e vantagens que o treinador faz e tem fruto do seu passado enquanto jogador?

Treinador G: Tem uma vivência muito grande no balneário, conhece os cantos do balneário, passou por lá vários anos, no meu caso praticamente 16 anos que passei no balneário, do balneário conhece tudo. Mas há outras áreas em que o jogador de futebol se tem de inserir como é o caso da Educação Física e da metodologia de treino, mas penso que ajuda imenso passar 14 ou 15 anos como jogador de futebol.

José Miranda: Esse passado foi peça-chave na metodologia que utiliza ou utilizou?

Treinador G: Sim, porque fui aprendendo com os vários treinadores que tive, uns mais que outros, mas com todos eles aprendi para que quando enverguei ou optei pela carreira de treinador tirasse os melhores proveitos daquilo que me ensinaram ao longo dos anos e que foram bons porque tive ótimos e bons treinadores.

José Miranda: Há algum seu ex-treinador que o tenha marcado e influenciado de forma particular? Tenta ou tentou copiá-lo?

Treinador G: Não, copiar acho que não se pode copiar ninguém. Pode-se aprender com todos eles. Claro que há um treinador que me marcou imenso como profissional de futebol que foi o Senhor Pedroto mas, com todos eles aprendi. E foi com tudo aquilo que aprendi com todos eles, tirando um bocadinho aqui, outro bocado acolá, é que juntei tudo e optei por levar a carreira de treinador da forma como aprendi com eles.

José Miranda: O “modelo de jogo”/estrutura de jogo preferidos enquanto jogador é o mesmo enquanto treinador?

Treinador G: Sim é o mesmo. Claro que depende muito dos resultados mas para entrar no jogo é o 4-3-3 mas claro que, com o decorrer do próprio jogo, por vezes somos obrigados a modificar. Mas todas as modificações que eu possa fazer enquanto treinador de uma equipa de futebol, é sempre com aquilo que a equipa durante a semana tem vindo também a treinar, porque não se vai mudar de um momento para o outro e sem os jogadores terem conhecimento dessas mesmas mudanças.

José Miranda: Pela posição que ocupava em campo quando jogava, dá mais atenção aos seus atletas que atuam nas mesmas zonas do campo?

Treinador G: Não, acho que a equipa de futebol é composta por 11 lugares, a começar no guarda-redes e a acabar no extremo esquerdo. Há várias variantes ou vários modelos de jogo mas penso que todas as peças que compõem esse modelo de jogo, os jogadores que fazem parte dessa equipa, ou até do próprio plantel, para mim, todos eles são importantes.

José Miranda: Acha que estes saem mais valorizados que os restantes com o seu trabalho?

Treinador G: Por vezes a vida de treinador de futebol é ingrata. Nem sempre o melhor treinador ou que trabalha melhor é o que ganha e normalmente no futebol quem não ganha praticamente é crucificado. Penso que, hoje em dia, terá que se trabalhar imenso, terá que se estudar muito para que continuemos a par daquilo que se está a passar no futebol, não só a nível nacional mas também a nível internacional. Cada vez o futebol exige mais das pessoas que fazem parte dele.

José Miranda: Pensa que os jogadores têm uma perceção diferente perante um líder que foi ex-praticante, ainda mais se for conceituado? Como sentiu isso? Sentem-se mais motivados? Há mais “respeito”?

Treinador G: Sim, acho que sim, e estou a falar em relação a mim, que fui um jogador que jogou ao mais alto nível durante 14 ou 15 anos, e por aquilo que notei, há respeito, há confiança naquilo que se faz. Claro que, não dizendo mal de ninguém, acho que os próprios jogadores quando encontram um treinador destes têm muito mais respeito ou vão mais por ele do que por outra pessoa.

José Miranda: Qual considera ser a característica que define ou marca a diferença num treinador de elite? Porquê?

Treinador G: A diferença de uns treinadores para os outros, por vezes, ou a maior parte delas, é que há clubes que conseguem apetrechar as suas equipas com bons jogadores e para isso é preciso dinheiro. O treinador terá que ter a sorte de integrar de início um trabalho feito num clube com essas possibilidades de conseguir bons jogadores e para isso é preciso ter dinheiro. Porque hoje em dia, como eu já disse atrás, o treinador pode ser muito bom mas senão tiver bons jogadores não consegue fazer uma boa equipa.

ANEXO 8: Entrevista ao Treinador H

José Miranda: Quais os motivos que o levaram a assumir a função de treinador? O gosto pela modalidade? Dinheiro? Torna-se melhor treinador do que aquilo que foi enquanto treinador? Desenvolver o jogador?

Treinador H: Eu penso que nessa situação foi pelo gosto de ser jogador, não ter habilitações nenhuma e estar muito ligado ao futebol e se calhar, tentar potencializar os jogadores. Foi esse motivo, eu achava que podia fazer alguma coisa, melhorar alguma coisa nos jogadores, aquilo que outros treinadores que eu tive, não fizeram por mim.

José Miranda: Quando se estava a sentir com menos capacidades para jogar já perspetivava a carreira de treinador, ou muito antes, ou só muito depois pensou nisso?

Treinador H: Eu nunca pensei ser treinador de futebol. Eu posso dizer que recebi um convite, que foi do São Pedro da Cova, falaram-me, eu nunca pensei ser treinador, pensei acabar o futebol e retomar uma atividade normal. Mas como surgiu aquela oportunidade, eu adorei, gostei muito de ser treinador de futebol e acho que tinha algumas capacidades para ser.

José Miranda: E nessa mesma altura sentiu que algum treinador pressentiu o seu lugar em perigo pela sua presença e veteranaria?

Treinador H: Eu acho que isso é normal, eles sentiam, mas eu, nunca tive problemas de desconfianças, nunca desconfiei de nada e quem é desconfiado não é de confiar. E o futebol é uma guerrinha em que se comem uns aos outros.

José Miranda: Depois de passar a treinador certamente treinou alguns ex-colegas enquanto jogador. Como lidou com isso?

Treinador H: Normalmente, cinco estrelas, são os melhores essas pessoas que foram profissionais, e o profissional não quer dizer que dependam daquilo, mas profissional como brioso, que gostam daquilo que fazem e querem ser

melhores, para mim é essa a definição de profissional. Para mim, essas pessoas que tiveram ao mais alto nível, acho que são as pessoas que entendem melhor. É um bocado complicado lidar com estes novos jovens que nunca passaram por nada e acham que são mais do que o que deviam ser.

José Miranda: Sentiu que o seu passado enquanto atleta era suficiente para ser bom treinador?

Treinador H: Eu acho que o tempo é que nos faz. Portanto é assim, eu tive uma carreira nem rica nem pobre, tive a sorte que tive. Eu acho que nesse tempo que tive como jogador tive muitos treinadores e aprendi com muitos. E com esses todos que aprendi, tinha a minha opinião e formei a minha ideia e tentei pôr sempre em prática aquilo que eu achava.

José Miranda: Onde procurou formar-se e ir formando-se a fim de ser melhor treinador?

Treinador H: Isto foi uma coisa muito rápida. Quando eu acabei, surgiu muito rápido. Por aquilo que aprendi, eu tentei pôr logo em prática e o que achava que devia ser feito, havia muitos treinadores que achavam que devia haver muita carga e eu achava que devia haver e o jogador queria muita bola, bola, bola, e foi isso que eu tentei incutir nas minhas equipas e acho que deu resultado.

José Miranda: Qual a transferência e vantagens que o treinador faz e tem fruto do seu passado enquanto jogador?

Treinador H: A experiência, o conhecimento e isso é normal. Nós não ensinamos nada. Nós passamos um pouco da nossa experiência, quem quer aprender e absorver essa experiência tudo bem, quem não quer, normal, passa ao lado, e é o jogador que é.

José Miranda: Esse passado foi peça-chave na metodologia que utiliza ou utilizou?

Treinador H: Sim, eu como jogador absorvi coisas que achava que não deviam ser feitas e como treinador apliquei aquela metodologia que eu achava que devia ser aplicada enquanto jogador.

José Miranda: Há algum seu ex-treinador que o tenha marcado e influenciado de forma particular? Tenta ou tentou copiá-lo?

Treinador H: Eu não copieei ninguém mas houve muitos que me marcaram em todos os aspetos. Todos eles me marcaram, uns negativamente e outros positivamente, de maneira que, tentei absorver tudo de todos para tentar, depois, aplicar as minhas ideias perante os meus jogadores.

José Miranda: O “modelo de jogo”/estrutura de jogo preferidos enquanto jogador é o mesmo enquanto treinador?

Treinador H: Normalmente, eu costumo dizer, nós temos um plantel e nós temos que nos adaptar ao plantel que temos e quem faz o modelo de jogo são os jogadores. Portanto, é assim, se eu tenho uns jogadores que fazem certas situações tenho que me adaptar a eles. Eu nunca quis e nunca pedi que os jogadores se adaptassem ao treinador. Fui eu sempre que me adaptei à qualidade dos jogadores.

José Miranda: Pela posição que ocupava em campo quando jogava, dá mais atenção aos seus atletas que atuam nas mesmas zonas do campo?

Treinador H: Eu jogava como médio e tive a faculdade de jogar desde lateral a ponta de lança, inclusive a guarda-redes numa situação que aconteceu 20 minutos, mas eu dou atenção a todos os jogadores porque sei precisamente o que eles fazem, eu joguei em todos os lugares e sei o que eles podem render e tirar partido dessa posição.

José Miranda: Acha que estes saem mais valorizados que os restantes com o seu trabalho?

Treinador H: Sim, certamente porque eu tento incutir e corrigir certas situações que eles possam fazer e certos erros que eles cometam. Eu, aí, estou sempre alerta e tento ensinar.

José Miranda: Pensa que os jogadores têm uma percepção diferente perante um líder que foi ex-praticante, ainda mais se for conceituado? Como sentiu isso? Sentem-se mais motivados? Há mais “respeito”?

Treinador H: O respeito não se impõe, conquista-se. Há uns jogadores que sabem tudo e outros que não sabem nada. Se houver um meio-termo, se conseguirmos equilibrar isso. Se houver o respeito jogador-treinador, eu penso que eles conseguem evoluir muito.

José Miranda: Qual considera ser a característica que define ou marca a diferença num treinador de elite? Porquê?

Treinador H: Na minha opinião, e eu enquanto treinador nunca estive num patamar superior, a qualidade de um treinador tem que ser mais psicológica ou psicóloga. Tem que saber trabalhar bem com o jogador, saber lidar bem com o jogador. Porque eu penso, que o treinador não vai ensinar nada ao jogador, tem que saber tirar partido da qualidade dele e saber potenciar ao máximo as qualidades dele. Não há jogadores que são automáticos, porque é uma pessoa normal, tem sentimentos e há que saber lidar com uma pessoa e eu penso que essa é uma grande qualidade. Ser honesto, coerente e justo parece-me fundamental.